

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2011 - ANO XXX, NÚMERO 1

Quem lucra Quem perde

com a paralisação dos servidores

P.8/9



Sem RU, filas se formam para distribuição de vale que dá desconto em outro restaurante

HABITAT

De carona é mais gostoso

Falta de conforto, horas perdidas em locomoção e alto custo do transporte coletivo fazem com que muitos optem pela carona

P.3

ZERO ENTREVISTA

Exclusivo: Governador

Colombo avalia os oito meses à frente de Santa Catarina e admite que pressões políticas tornam mais difícil seu governo

P.4/5

OXIGÊNIO

Experimente cultura grátis

Engana-se quem pensa que Florianópolis não tem vida cultural. É possível se divertir sem botar a mão no bolso

P.14

Apertem seus cintos! O boeing vai decolar

Uma metáfora bastou para que um novo projeto para este jornal fosse desenhado nos últimos meses: "Jornal é como avião". Temos editores como pilotos, alunos-repórteres como tripulação, leitores como passageiros e um percurso a cumprir.

No caso do *Zero*, um jornal laboratório que envolve duas disciplinas, dezenas de alunos e o compromisso de ser uma experiência de ensino e de experimentação, o avião da metáfora é um boeing. Grande e potente, mas pesado e difícil para manobras muito bruscas. Pois assumimos a comparação e o desafio deste que é um dos jornais laboratórios mais tradicionais.

Criado em setembro de 1982, ele se prepara para alcançar uma marca que é difícil até mesmo para veículos profissionais: 30 anos. É muito tempo de voo! Nessa trajetória, centenas de futuros jornalistas se aventuraram em reportagens, aperfeiçoaram seus textos e experimentaram. Afinal, também é para isso que serve um jornal

laboratório: forçar os limites da prática, buscando sempre se reinventar.

Como a mudança está no DNA do *Zero*, resolvemos fazer (novamente) uma série de reformas. Estruturais e cosméticas. A nova carta de navegação prevê que o jornal se dirija a um público jovem, de 17 a 29 anos, em fase de formação universitária e profissional. A definição desse perfil permite que concentremos nossas ações para satisfazer as expectativas desse leitor, perseguindo a meta de oferecer um jornal mais útil e próximo. Sem tantas turbulências.

A partir disso, reorganizamos os conteúdos publicados, o que nos levou a pensar em novas editoriais. Para facilitar a absorção dessas mudanças e orientar a leitura, foram feitos ajustes no aspecto visual, aperfeiçoando alguns elementos do projeto gráfico anterior.

O objetivo de se aproximar mais dos leitores não fica apenas na intenção. Abastecemos nossos tanques com crítica, autocrítica e participação.

O leitor pode ver aí ao lado uma

nova coluna, a do *ombudsman*. Sua função será apontar erros e acertos, mancadas e sacadas da edição anterior, de maneira a contribuir para que o jornal corrija sua rota. Para exercer esse papel, convidamos o professor Ricardo Barreto, cujo nome se confunde com a própria história do *Zero*. Seu rigor, experiência e conhecimento ajudaram a formar gerações de jornalistas. Barreto atuará como um desses controladores de tráfego que cuidam para que as aeronaves não se choquem em pleno ar.

Para facilitar o diálogo com o leitor, estamos aperfeiçoando nossos canais de comunicação. Ao longo do percurso, está autorizado o uso de equipamentos eletrônicos como computadores, telefones celulares e outros. Nossos comissários também podem ser contatados pessoalmente.

Feitos os devidos esclarecimentos de nosso plano de voo, só nos resta acionar as turbinas. Atenção, tripulação, decolagem autorizada. Senhores passageiros, tenham todos uma boa viagem!

Reprodução



Mil histórias deste jornal

A partir da próxima edição, o *Zero* vai contar sua trajetória pelas vozes de ex-diretores de redação, ex-repórteres e professores responsáveis pela publicação desde setembro de 1982.

Resgatamos a capa da edição de julho de 2006, tributo a um dos fundadores do curso, o jornalista e professor Daniel Herz. Trata-se de um personagem que legou uma obra lapidada a gerações de alunos e profissionais, apontando sempre a necessidade essencial de integrar teoria e prática.

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões de pauta, comentários

E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo

Centro de Comunicação e Expressão - UFSC - Trindade

Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900

OMBUDSMAN

RICARDO BARRETO

Leitor, o dono da voz

Curiosa coincidência, este espaço estreia no mesmo setembro (brrr) quando surge a coluna do primeiro *ombudsman* de imprensa do Brasil e da América Latina, no longínquo ano de 1989. Influenciado pelo diário espanhol *El País*, que havia instituído o cargo três anos antes, o jornal *Folha de S. Paulo* inova e cria espaço para seu representante do leitor, preocupado com a transparência, pluralismo e qualificação de seu projeto editorial.

Aqui, vamos fazer trabalho semelhante, condicionado às nossas dimensões e peculiaridades de um jornal feito por estudantes. Pretende-se uma crítica construtiva, mas com rigor, sobre o trabalho de uma redação totalmente renovada que promete inovações, que incluem a terceira versão do manual de redação e estilo e correções no projeto gráfico. Os primeiros movimentos começam a ser orquestrados e devem reduzir a quantidade de erros, equívocos, desacertos, omissões, cometidos na edição anterior, o *Zero Investigativo*.

Foi um exemplar atípico, movido pela direção apontada por uma disciplina, experiência já praticada em outros anos com a cobertura de duas bienais (SP) e duas edições sobre quadrinhos. Foi também um número de transição, no que é característica de jornais-laboratório, a quase constante mutação; desencadeada por nova equipe e supervisores. Os desafios estão colocados.

Mas foram vencidos? Nem todos. O projeto gráfico deve passar por adequações visando sobretudo não desperdiçar área útil e ganhar mais estilo e eficácia gráficos. As pautas devem perseguir temas (ainda) mais contundentes mas também interessantes, sempre visando o interesse público. Desde já se impõe a necessidade de material de reserva para suprir eventuais insucessos. Três reportagens deviam ter sido substituídas, porque não foram apuradas suficientemente. Na página 2, dois casos constatados num universo de milhares, demonstra a fragilidade de comprovação da hipótese. O texto sobre uso de drogas por médicos, constatado em pesquisa inédita, exigia mais tempo de apuração: faltaram muitas fontes. Ambas mereciam mais espaço em edição futura. A terceira (páginas 12 e 13), apesar do fôlego da repórter, era tema árido, comunitário, de interesse restrito. Sugere-se pautas mais cosmopolitas.

Equívoco que deve ser evitado é a prática do *off (the record)*, abolido pelo *Washington Post* e lá, só consentido, excepcionalmente, quando o repórter identifica suas fontes ao editor. Foram tolerados uso de fontes não identificadas ou mencionadas com artifícios como prenomes, pseudônimos e iniciais - deficiências das páginas 3, 11, 12-13 e 16. E não se tratava de temáticas sensíveis ou graves.

Há muitas siglas grafadas indevidamente, erros diversos em créditos de imagens (artes e fotos) e o próprio nome do jornal foi escrito em estilos diferentes. Três erros graves de edição ficaram gravados na capa (uma chamada indica página 6 para um material que está na 4 e 5; outra, sobre Saúde, sugere circunstância que o texto não comprova) e na 6, subtítulo revela informação que não está no texto. Menos empolgação e mais racionalidade, editores. E não façam inversão de foto que tem inscrições (página 5) porque o "crime" é denunciado. Por fim, não esqueçam de realizar um jornal que possa ser entendido por leitores de todo o país, melhorando suas descrições. É tradição desse jornal.

Jornalista, professor, ex-diretor de redação e um dos criadores do *Zero*. Por 15 anos, Barreto comandou o jornal laboratório e, no ano 30 da publicação, assume como seu primeiro *ombudsman*. Próximo de completar três décadas, o *Zero* assume o desafio de iniciar uma relação mais aberta com seus leitores.

***** ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXX - Nº 1 - Setembro de 2011 **REPORTAGEM** Bianca Enomura, Camila Garcia, Carolina Dantas, Cesar Soto, Daniela Nakamura, Erich Casagrande, Gabrielle Estevans, Gian Kojkovski, Ingrid Fagundes, Isadora Maíra, Jéssica Butzge, Joice Balboa, Luisa Pinheiro, Mariana Chiré, Mariana Della Justina, Marilla Labes, Milena Lumini, Monique Nunes, Murilo Bomfim, Paulo Júnior, Rafael Spricigo, Stephanie Pereira, Thyza Martins, Thiago Moreno, Tullio Knuse, William Reis **EDIÇÃO** Juliana Geller, Verônica Lemus, Vinícius Schmidt **EDITORIAÇÃO** Joice Balboa, Patrícia Pamplona, Rafael Spricigo **FOTOGRAFIA** Carolina Dantas, Stephanie Pereira **Capa** Carolina Dantas **INFOGRAFIA** Rafael Spricigo **APOIO** Antônio Mafalda, Giovanni Bello, Ivan Giacomelli, José Werner, Rafael Canoba **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Rogério Christofolini MTb/SP 25041 e Samuel Lima MTb/SC 00383 **MESTRANDA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA** Janara Nicoletti **MONITORIA** Patrícia Pamplona **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 6 de setembro

★
Melhor Jornal Laboratório - 1º Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

★
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★★★★★
Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-RS
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998



Salve-se quem puder! Ruas entupidas de veículos, longas distâncias e transporte coletivo ruim tornam o trânsito um inferno também para os caroneiros

Caronas reservam riscos, aventura e amizade

O transporte solidário é alternativa de locomoção para estudantes e um incentivo à integração

Não pegue carona com estranhos. Esse é o conselho que a maioria de nós já ouviu, quando crianças, de nossos pais preocupados. Em Florianópolis, a carona já foi uma atitude comum e tradicional, quando algumas comunidades ainda estavam isoladas e não eram atendidas pelo transporte público. Hoje, mesmo com o crescimento da violência e com mais opções de linhas de ônibus, há quem ainda acredite na carona como uma forma de fugir do trânsito, fazer novas amizades e economizar dinheiro.

“O fator preponderante pra pegar carona são as pessoas. É bacana conhecer gente nova. É diferente de entrar num ônibus, por exemplo, em que a galera entra quieta, introspectiva”, opina Wesley Rocha de Paula, 29 anos, estudante de Física da UFSC e que pega carona há quase oito anos. Para

Rocha, preço e qualidade do transporte coletivo fazem com que muitos optem pela alternativa. O preço da passagem de ônibus em Florianópolis é o mais alto entre as capitais brasileiras: R\$ 2,60 no cartão e R\$ 2,90 em dinheiro.

Pesquisa divulgada pelo Ibope em agosto mostra que as principais razões para aversão aos ônibus são a falta de conforto (19%), o longo tempo de locomoção (16%) e o alto custo (16%). “Não me imagino pegando ‘busão’. É caro e com trajetos muito pingados. Pegar carona é muito mais fácil”, argumenta Juliana Bertoloto, 25 anos e estudante de Geografia da UFSC. Ela estende o polegar há cinco anos e vê a atitude como um momento cultural. “É uma faculdade à parte, porque rende muita troca de informação. Dá pra fazer contatos excelentes, pessoais e até profissionais”, relata.

Fugir de cantadas requer “jogo de cintura”

Para conseguir carona de modo mais seguro, fácil e rápido, os caroneiros dão dicas de posicionamento e de diálogo com os motoristas. Os melhores momentos são os próximos aos horários de pico: pela manhã, entre 8h e 9h, à tarde, entre 12h e 14h, e à noite, entre 18h e 20h. Depois das 23h, dificilmente se consegue algum motorista solidário. Também é bom pensar no local: a saída da Fortaleza da Barra da Lagoa, o pé do Morro da Lagoa da Conceição, a saída do Rio Tavares e a via principal do Córrego Grande formam o mapa do tesouro para quem quer uma carona. No centro de Florianópolis, a tarefa é mais difícil, já que a maioria prefere andar a pé pela falta de vagas em estacionamentos e pelo congestionamento das ruas.

Alguns usam placas indicando o lugar de destino para chamar a atenção dos motoristas e evitar paradas desnecessárias dos carros. Outros apelam para os sorrisos. “O negócio é mostrar alegria e simpatia, porque ninguém quer dar carona pra gente de cara fechada”, explica o estudante Rocha.

Nos dias chuvosos, nem mesmo o carisma dos caroneiros conquista os motoristas. “Na chuva, quase ninguém é solidário. O apego prevalece, porque eles não querem que a gente molhe o

carro”, avalia Priscila Colturato, estudante de Geografia da UFSC. Ela, que aprendeu a pegar caronas com amigos, explica que quando entra no carro, primeiro pergunta para onde o motorista vai. “Assim, dá tempo de sentir a pessoa, e estabelecer uma relação de gentileza”, conta.

Cantadas de motoristas e “segundas intenções”? Para a estudante, a estratégia é cortar logo no início, e no pior dos casos, descer antes do destino, em qualquer ponto. “A intenção, na carona, é você que deve saber colocar na conversa”.

Juliana Bertoloto concorda: “O segredo é contornar a situação, ter jogo de cintura”. Segundo Wesley Rocha, homens geralmente conseguem carona com outros homens, pois as mulheres ficam mais inibidas e receosas de pararem o carro. Mas com ele aconteceu o inesperado: pegou carona de moto com uma mulher, com quem fez amizade. Os dois acabaram sendo padrinhos do casamento de um casal de amigos.

Depois das 23h e em dias de chuva dificilmente se consegue algum motorista solidário



FEZ SINAL E NINGUÉM PAROU?

Entre 8h30 e 9h30 da quinta-feira, 18 de agosto, a reportagem do **ZERO** monitorou 100 carros, anotando as placas, no cruzamento entre a avenida Deputado Antônio Edu Vieira, no Pantanal, e a rua João Pio Duarte Silva, no Córrego Grande. Veja o resultado: 77 veículos passaram apenas com um ocupante, o motorista (77%); outros 20 com dois passageiros (20%); apenas três carros com três pessoas a bordo (3%).

Estudantes se organizam em filas

Em Botucatu (SP), universitários pedem carona usando sinais com as mãos que já indicam para que bairro ou sentido desejam ir. Existem até os “pontos de carona”, com fila por ordem de chegada. Toda essa organização acontece entre os *campi* da Universidade Estadual Paulista (UNESP) da cidade.

Cerca de dez quilômetros separam o campus de Rubião do de Lageado, e como grande parte dos alunos mora ao longo dessa distância, há pontos de carona determinados – em frente a certos estabelecimentos comerciais, por exemplo.

“No sentido bairro-faculdade, o sinal é de joia com a mão abaixada, já no sentido faculdade-bairro, o sinal é o de mão aberta. Geralmente, as caronas acontecem entre universitários, mas também há funcionários e professores que são solidários”, explica o estudante de Agronomia, Marçal Santos Senna. Os motoristas não podem escolher para quem dar carona – é preciso respeitar a ordem das filas,

mas há receio de eventuais danos aos veículos. Como quando alguém quebrou a trava elétrica da porta do carro da estudante Carolina Giglio. Por causa disso, ela acha que os caroneiros poderiam dar uma pequena contribuição em dinheiro aos motoristas.

Para quem concorda com Carolina, existe a opção das caronas fixas, em que os caroneiros pagam, cada um, aproximadamente R\$ 30,00 por mês ao motorista pelo trecho. “Na carona fixa ou dos pontos, o pessoal é bem receptivo. Sempre conversava bastante no carro, depois a gente se encontrava em festas e mantinha a amizade”, conta Carolina.

Em Florianópolis, as caronas também são organizadas pelas redes sociais, como Orkut e Facebook. Além de facilitar a rotina, a rede social dá mais segurança aos motoristas, já que podem trocar informações antes mesmo da carona.

Daniela Nakamura
nakamura.dani@gmail.com

“O governo é grande e o trabalho nem sempre é bem compreendido pelas pessoas”

Exclusivo: governador de SC reconhece que administrar está sendo mais difícil do que pensava

Oito meses de governo é tempo suficiente para conhecer a estrutura que está sob seu comando. Para o governador de Santa Catarina Raimundo Colombo, esse tempo também serviu para perceber que o desafio de governar o estado é maior do que imaginava.

Colombo recebeu a equipe do Zero na Casa D'Agrônoma, residência oficial do governador do estado. Construída na década de 1950, a casa de mobiliário tradicional tem cômodos amplos e arquitetura em estilo colonial. As paredes são tomadas por quadros e o ambiente é silencioso. O gabinete reservado ao governador é grande, todo revestido em madeira, com livros nas estantes e uma cadeira, onde está entalhado o brasão do estado. Apesar de ser reservada ao governador, Colombo preferiu não se sentar nela, escolhendo ficar mais próximo dos repórteres.

Raimundo Colombo pareceu convicto de suas posições e foi firme em suas respostas, mesmo demonstrando-se um pouco incomodado com alguns temas, como a crise entre as polícias, a greve dos professores da rede estadual e os problemas que atrasaram o mutirão de cirurgias eletivas.

A primeira entrevista exclusiva de um governador do estado concedida ao Zero aconteceu na manhã de 1º de setembro. Confira os principais trechos:

O senhor poderia fazer uma avaliação dos primeiros oito meses de governo?

A nossa ideia, nessa primeira fase, é conhecer o governo. Estamos fazendo viagens para o interior. Essas visitas são necessárias porque em um processo político a comunidade participa pouco e você acaba ficando com a opinião de poucos. Isso cria muitas prioridades falsas no governo. Em paralelo, procuramos dar andamento a todas as obras que estavam em curso, começando pelas estratégicas, além de fazer uma poupança, para que a gente possa realizar investimentos significativos depois. Também é muito importante a capacidade de fugir das armadilhas que o poder e a pressão do jogo político trazem. Neste momento, não tem nenhuma obra parada, nenhum serviço perdeu qualidade e começamos a lançar programas.

Está sendo mais difícil ou mais fácil governar do que esperava?

Mais difícil. Eu esperava uma compreensão mais fácil da situação, mas o governo é muito grande e o trabalho, às vezes, não é bem compreendido. Parece que a gente está sem foco, o que não é verdade. Como eu disse, estamos conhecendo o governo, aperfeiçoando e melhorando ele, corrigindo algumas coisas que eu considero fundamentais. É preciso guardar dinheiro para que, definidas as prioridades, possamos cumpri-las no ritmo necessário. Como, por exemplo, a SC 401. Não dá para terminar as obras em março, depois do verão. O mesmo se estende à reforma das escolas, aos problemas da saúde e ao Programa Juro Zero. Não adianta só lançar o programa, você tem de ver a capilaridade, o funcionamento dele e o custo para o estado.

Quais são as políticas do governo para os jovens?

Nós queremos oferecer alternativas de desenvolvimento profissional. O segundo aspecto é a inovação tecnológica. Precisamos modificar nossa economia para inserir os jovens. Vamos fazer um curso de qualificação com cinco mil vagas e descentralizar o processo de formação das oportunidades, com a criação de pólos como o Sapiens Park, em Florianópolis. A economia catarinense vive uma dificuldade. Perdemos competitividade em algumas áreas estratégicas, como o setor têxtil. Entendemos que para oferecer ao jovem catarinense

uma oportunidade profissional, precisamos trabalhar uma nova economia. O grande problema do nosso jovem é a ociosidade, a falta da oportunidade e de aprendizado profissional. Queremos tornar o ensino médio integral e, para isso, temos uma política de municipalização do ensino básico.

Como vai funcionar o projeto da municipalização?

Muitas prefeituras têm salas ociosas, porque, hoje, o crescimento demográfico não acontece como antes. Nós queremos fazer parcerias com elas. Não vai ser automático, nem impositivo, queremos ir avançando aos poucos para preservar a qualidade e melhorar a educação. Não vamos desempregar nenhum professor porque queremos fazer um ensino integral e profissionalizante no segundo grau. O que estamos fazendo, a Lei de Diretrizes Básica da Educação já pre-

coniza. Primeiro grau e pré-escola nos municípios com recursos do Fundeb [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação].

O segundo grau e ensino técnico nos estados. E o terceiro grau no governo federal.

Municipalizar não vai sobrecarregar as prefeituras?

Não, porque o valor per capita do Fundeb vai automaticamente para os municípios. Eles vão receber os recursos. Eu fui prefeito três vezes, existem excelentes avanços na educação municipal. Não haverá, tenho certeza, prejuízo. Não vamos passar 300 mil alunos de uma hora para outra. A gente vai fazer em etapas, com qualidade.

Como o senhor avalia o fato de 700 mil alunos ficarem 62 dias sem aula, por causa da greve dos professores?

A greve é ruim para todo mundo: estudante, professor e governo. O ideal seria termos encontrado um ponto de equilíbrio. Na verdade, o professor é mal remunerado. Não há como melhorar a educação com o professor insatisfeito. Os desafios do professor hoje são muito maiores do que eram antes. O alu-

no chega hoje bem mais complexo do que ele chegava antes, refletindo uma realidade social muito mais agressiva. Remunerar melhor o professor é um compromisso nosso, uma meta. Agora, isso tem de ser feito em etapas. Houve a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) para que se pague o piso e nós a cumprimos integralmente. Mas você não pode dar o aumento do piso, tornando ele pleno, porque não haveria como o estado absorver aquele custo. Nós demos o maior aumento que a educação teve em percentual na história. Vamos ter um acréscimo acima de R\$ 40 milhões na folha da educação. A remuneração não é o único problema, existe também a questão pedagógica. A legislação do setor público é muito engessada, há uma grande falta de professores, problemas de qualificação, renovação de quadros, e isso é um grande desafio para nós.

“O professor é mal remunerado. Não há como melhorar a educação com ele insatisfeito”

Na greve, uma das queixas era que profissionais graduados estavam ganhando o mesmo piso do que os com pós-graduação...

Na evolução das

negociações, a gente conseguiu atender de certa forma isso. É evidente que a pessoa mais qualificada, com mais títulos, precisa ter uma remuneração diferenciada. Isso é uma meta a ser perseguida. A greve começou no quarto mês de nosso governo. Ninguém pode nos culpar de ter qualquer tipo de descuido com a educação. Você não consegue fazer a evolução em tão pouco tempo, é preciso ter um plano de dez, quinze anos. A nossa postura durante a greve foi de diálogo. Todas as vezes que fomos procurados, conversamos. Em todos os posicionamentos, dissemos que a reivindicação é justa, mesmo a greve talvez não sendo necessária. Queremos melhorar e podemos fazer juntos se houver compreensão.

Um de seus projetos eleitorais era criar escolas de ofício, ensino técnico, de acordo com a vocação de cada região. Como está isso, governador?

Nós estamos com todo o estudo pronto, começando a implantar o projeto. Na área da tecnologia, já liberamos cinco



mil vagas. Você constrói uma escola para formar pessoas qualificadas para a construção civil, por exemplo, e na hora que o setor desaquece, você não pode mudar, porque as pessoas são permanentes. Então o processo é mais dinâmico se nós usarmos esse mecanismo. A gente já começou a avançar, mas o programa só vai se desenvolver plenamente em 2012.

Na campanha eleitoral, o senhor também prometeu um hospital de referência na capital. Em que fase está?

Fizemos a primeira etapa agora, que é conhecer todas as instituições. Primeiro queremos que elas funcionem plenamente. Estamos acelerando o Hospital de Florianópolis e o mais provável é que a gente construa uma torre ao lado dele. Estamos também ativando a emergência do Celso Ramos e vamos tentar caracterizar ele mais na área de ortopedia. Repassamos recursos ao Hospital do Câncer e lançamos alguns programas, como o mutirão de cirurgias.

Falando disso, houve problemas com o mutirão, não é?

Já temos convênio assinado com mais de 100 hospitais. Aqui em Florianópolis houve uma resistência maior, mas a gente está conseguindo resolver. Todo final de semana, aumentamos o número de cirurgias. A nossa previsão é que, a partir de outubro, já sejam 3600 todo mês. Nós tivemos que mexer um pouquinho no valor pago aos médicos. Essas coisas são dinâmicas, vão se adaptando. A verdade é que antes ninguém falava que existiam 60 mil pessoas em Santa Catarina esperando para fazer uma cirurgia. O mutirão jogou isso para fora. Resolver é nosso compromisso. O governo destinou para a primeira etapa R\$ 20 milhões. E esse mutirão só vai terminar quando não tiver nenhuma pessoa na fila. O cronograma vai ser cumprido. Não é aceitável que Santa Catarina conviva com um problema dessa natureza. Nós vamos às últimas consequências.

O governo federal vai mandar recursos para construir presídios regionais, inclusive em Santa Catarina. Como o dinheiro será investido?

Esse programa será lançado em 5 de setembro, em Brasília. Já estamos fazendo a nossa parte, acelerando obras do novo presídio em Chapecó. Em 60 dias será inaugurado um em Lages e outro em Tubarão. Vamos começar a penitenciária em Florianópolis. Estamos concluindo o processo do terreno. No presídio da capital, o governo federal deverá ajudar com metade e nós com outra. Ele está pré-orçado em R\$ 80 milhões. Hoje, o estado tem 16 mil pessoas no sistema prisional. Nós aumentamos os nossos efetivos. Em 14 meses, teremos 1,5 mil novos policiais.

As fugas na Penitenciária da Agrônômica assustam. Há planos para ela sair dali?

A fuga não foi na penitenciária, foi no centro de triagem da Agrônômica, entregue em dezembro sem ter condições adequadas de funcionamento. A penitenciária é

um prédio muito antigo, arcaico, não tem capacidade de responder a demanda. É urgente que seja construída uma nova. Só não começamos ainda por uma questão de localização do terreno. O pré-projeto já está pronto, estamos esperando que seja aprovado em Brasília. Concluído isso, teremos condição de deflagrar o processo.

A integração entre as polícias Civil e Militar é uma prioridade?

Essa disputa sempre existiu, mas se acentuou nos últimos anos. É um problema de consciência, de construir um ambiente de confiança. Estamos fazendo um protocolo de função, para que um não faça o trabalho do outro. A Polícia Civil tem as suas atribuições específicas e a legislação determina isso. Assim como a Militar. Às vezes, há desencontros e isso gera desconforto interno, mas a melhor forma é estabelecer o protocolo, compreendido e praticado por todos.

Como a crise nos Estados Unidos e na Europa, a instabilidade nas bolsas de valores e a valorização do real estão afetando a economia catarinense?

A crise está desindustrializando a nossa economia. Isso é terrível. É o segundo mês que a arrecadação cai. Você está conseguindo comprar produtos lá fora muito mais baratos do que conseguimos produzir aqui. A nossa exportação não caiu em volume, mas em qualidade, porque ela está concentrada em commodities. Como Santa Catarina sempre teve vocação para exportação, o estado sofre mais do que os outros. Por termos cinco portos ativos e dinâmicos, a importação cresceu muito. Temos de encontrar mecanismos de proteger a nossa economia e fazer o real mais competitivo. Além disso, nós temos o custo Brasil. Para você ter uma ideia, os encargos trabalhistas no Uruguai são de 30%, na Alemanha, 60%. O nosso é 104%. As empresas vêm de fora para se instalar aqui, porque há grande atração pelo mercado interno brasileiro. O custo Brasil é um obstáculo sério.

Em abril, o senhor anunciou que estava indo para o PSD. O senhor já mudou?

Eu nunca mudei de partido. Estou criando um novo. A minha ideia é que o quadro político brasileiro está errado. As consequências são as que você vê todo dia no jornal, escândalo e mais escândalo, uma má representação. A política virou uma atividade fechada, que interessa só aos políticos, não há uma inter-relação com a sociedade e uma diferença ideológica de prática. Acho que há espaço para criar uma prática nova na política, mas é muito difícil você fazer algo novo com as mesmas pessoas. Quero ver se a gente consegue construir um partido que seja a base intelectual da sociedade, que tenha vida comunitária. Não pode ser um negócio, exclusivo para quem está no grupo. Tem que se renovar, dinamizar. O conceito de democracia no Brasil é muito voltado ao direito de votar, a liberdade de ir e vir. É muito mais que isso, é o funcionamento das instituições, o custo dela para a socie-

dade, a sua eficiência. Eu estava bem onde estava, era o presidente estadual, tinha ganhado a eleição. Mas não é o espaço que me interessa, é o que nós podemos fazer melhor.

Uma das condições para o senhor permanecer no DEM era a fusão com o PSDB. Foi isso mesmo?

Eu entendo que a oposição não pode ser contra tudo e todos, o tempo todo. Por outro lado, você não pode ser do governo a favor de tudo. A posição de independência é uma posição de bom senso e eu não conseguia ver que nós iríamos evoluir para isso. Então, eu gostaria de que nos uníssemos para fazer um contraponto com mais repercussão, com mais importância. Senão você vai se isolando. Não conseguimos isso.

Carolina Dantas
dazevedo.carolina@gmail.com
Gian Kojikowski
gian.kojikowski@gmail.com
Ingrid Fagundez
ingrid.fagundez@gmail.com
Willian Reis
wreis_lg@hotmail.com



Equipe do Zero foi recebida por Raimundo Colombo, na residência oficial do governador

Vale do Itajaí terá nova universidade federal

Blumenau está entre as 255 cidades escolhidas pelo programa que amplia o ensino superior

Rafael Spricigo

O estudante de Engenharia Civil João Marcos Bosi mal se encontrou com seus amigos na rua Antônio da Veiga e o entusiasmo dentro dele já começou a transparecer. Eram 18h30 e o reitor da Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb) João Natel discursava para três mil pessoas ali mesmo, na calçada. Quando terminaram todas as falas iniciais, alunos, professores, políticos locais e mesmo alguns cidadãos interessados passaram a marchar com destino à prefeitura da cidade. Bem no meio da passeata, Bosi podia ver centenas de cabeças e dezenas de placas em qualquer direção que olhasse. A sua empolgação cresceu. Sentia-se muito bem em poder manifestar seu apoio a uma causa na qual realmente acreditava. A sua volta, os únicos sons distinguíveis eram a bandinha de percussão do pessoal da Medicina e os gritos com o lema "Furb Federal, prioridade regional". Era a sociedade reagindo à decepção que sofrera algumas horas antes.

Naquela mesma manhã de 16 de agosto o Ministério da Educação (MEC) anunciou que Blumenau receberia autorização e recursos para

a construção de um novo câmpus da UFSC. A decisão foi uma surpresa para os estudantes e para os administradores universitários da região. Eles esperavam a permissão para criar uma universidade federal totalmente nova no Vale do Itajaí, tomando como ponto de partida a estrutura consolidada da Furb. O projeto dos acadêmicos não apresentava muitas dificuldades. Embora seja uma universidade de regime especial, administrada por uma fundação e com alunos pagantes, seus funcionários são concursados e seus equipamentos pertencem ao município. O maior obstáculo seria a burocracia para ceder os direitos municipais e transformá-los em federais. Já havia até um projeto de lei, o PLS 295/05, tramitando na Câmara dos Deputados que aprovava a federalização. O Ministério, porém, avaliou que seria perigoso aceitar a proposta, pois abriria precedentes. Outras universidades regionais poderiam fazer o mesmo pedido e o Ministério não teria recursos para atender a todas.

Passado apenas um dia do anúncio, os reitores Natel e Álvaro Prata (UFSC) encontraram-se com o deputado federal Décio Lima (PT), a ministra Ideli Salvatti (PT) e o prefeito de Blume-

nau João Paulo Kleinubing (DEM) para discutir o assunto. Saíram da reunião decididos a planejar uma parceria entre a universidade regional e a federal. O MEC deu às duas instituições 30 dias para montarem um projeto. Uma semana depois, na quinta-feira, dia 25, representantes dos dois estabelecimentos resolveram que o novo câmpus da Federal de Santa Catarina vai nascer dentro da Furb, englobando sua estrutura. Ainda falta muito a ser decidido (veja o infográfico), mas os responsáveis estão confiantes.

O diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária (Inpeau), Pedro Melo, aponta a possibilidade da Furb atender ao dobro do número atual de alunos. Porém, teme que a diferença na filosofia administrativa das instituições possa criar prejuízos. "A Universidade de Blumenau tem sido controlada por uma fundação há anos e as pessoas ali dentro pensam de maneira a manter um centro privado de ensino. A UFSC sempre foi pública e é gerenciada de um modo completamente diferente. O choque entre esses dois modelos pode levar anos para se resolver."

Patrick Rodrigues/Jornal de Santa Catarina



No dia 18 de agosto, cerca de 3 mil pessoas foram às ruas de Blumenau para manifestar apoio à federalização da Furb

Expansão para o interior do estado facilita permanência de jovens

A criação do câmpus da Federal de Santa Catarina em Blumenau vai se unir ao plano de interiorização do ensino no país. O governo pretende instalar, até 2014, 255 novos estabelecimentos de educação superior no interior dos estados. Só em Santa Catarina seriam dez novos institutos. Segundo o MEC, a expansão é uma maneira de democratizar o acesso à educação, estimular a permanência de profissionais nas áreas mais interioranas e fomentar o desenvolvimento regional através do investimento na pesquisa e na inovação tecnológica. "Nosso estado tem um índice altíssimo de jovens saindo do campo. A falta de melhores condições rurais é um dos principais motivos e a criação de centros de ensino nessas áreas pode ajudar a evitar o êxodo", explica Celso Ludwig, coordenador geral da Federação dos Trabalhadores na

Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-sul).

No ano passado, com a ajuda do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a UFSC já iniciou as atividades de três campi no estado. Em Joinville, são oferecidas 400 vagas ao ano para o curso de Engenharia da Mobilidade. Em Curitiba, são 200 vagas em Ciências Rurais. Somente Araranguá tem mais de um curso, abrindo 300 vagas para Engenharia de Computação, Engenharia de Energia, Fisioterapia e Tecnologias da Informação e Comunicação. O orçamento de 2011 prevê um repasse de quase R\$750 mil para esses centros, 10% do total recebido pela Universidade.

Carlos Grendene, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Joinville (CDL), elogia a iniciativa. "Os alunos da UFSC são grandes

consumidores e adquirem produtos de vestuário, alimentícios, calçados, material escolar, informática e automóveis. Além de movimentar a economia da cidade, muitos acadêmicos acabam se estabelecendo por aqui, trabalhando e construindo família".

Também em 2010 começaram oficialmente as atividades da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com cinco campi em Chapecó (SC), Realeza, Laranjeiras do Sul (PR), Cerro Largo e Erechim (RS). Entre as graduações oferecidas estão Engenharia Ambiental, Agronomia, Ciências Sociais e História. Como foi criada a partir do nada, apenas com orientação de profissionais da UFSC, mais pesquisas e recursos foram necessários. Para manter os onze cursos da unidade de Santa Catarina, sede da instituição, o governo repassou R\$30 milhões só no ano

passado.

A grande diferença das situações da UFFS e dos outros campi da UFSC para o caso de Blumenau, se a parceria realmente se consolidar, será a existência de construções já edificadas e de funcionários com experiência. Um dos grandes problemas do câmpus de Joinville, por exemplo, foi a falta de um terreno para construir um prédio para as salas de aula. Os alunos do centro estão até hoje tendo aulas na Universidade da Região de Joinville (Univille).

O professor Clóvis Reis, responsável pelo comitê pró-federalização da FURB, mostra que o clima agora é de esforço: "Não perdemos a esperança de criar de forma rápida e eficiente uma universidade federal no Vale do Itajaí".

Thiago Moreno

thiagobmoreno@yahoo.com.br

O QUE AINDA FALTA DECIDIR?

Desde 25 de agosto, um grupo de trabalho com representantes da UFSC, da Furb e da prefeitura de Blumenau debate a criação do projeto de parceria entre as duas universidades. A discussão pretende resolver os entraves jurídicos, políticos, administrativos e pedagógicos que a incorporação pode trazer.

Administração



Se a parceria se consolidar, a UFSC e a Furb precisam entrar em acordo sobre qual órgão será responsável pela administração da nova universidade. Poderá ser uma gestão independente em Blumenau, uma subordinada às decisões da Federal ou uma administração mista

Funcionários



Embora os professores e servidores da Furb sejam concursados, a transferência do município para o governo federal passa por burocracia

Aposentadoria



Hoje, quem repassa o benefício para os funcionários aposentados é a fundação que administra a Furb. Com a federalização, é preciso decidir qual instituição vai pagar os encargos

Fundação



A fundação que hoje administra a Furb perderia sua função original e seria necessário repensar seu papel na nova instituição

Alunos



Os estudantes da Furb pagam mensalidade para se manter na universidade. A incorporação pode valer apenas para os que entrarem depois do começo da parceria ou englobar todos alunos

Recursos



O projeto pode passar por problemas para conseguir aprovação orçamentária do MEC. O Ministério ainda tem que aprovar o plano

Elas não carregam somente os livros

Ser mãe e estudar é desafio para jovens

Aline Galiuzzi, 32, descobriu que seria mãe aos 27 anos, enquanto ainda fazia cursinho pré-vestibular. A gravidez, apesar de não planejada, foi recebida com muita alegria por ela e o marido, Ademar Manoel Bento Junior, 47. Aprovada para o curso de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no vestibular de 2007, ela teve que aprender a dividir seu tempo entre os dois novos papéis. "Costumo dizer que ser mãe e estudante ao mesmo tempo não combina. O certo seria me dedicar inteiramente à faculdade ou totalmente ao meu filho", admite.

Quando entrou, o filho Órion já tinha 8 meses. "No começo, minha mãe me ajudou a cuidar dele. Com um ano, ele já frequentava a creche", conta. A rotina era complicada já que o curso é em período integral. "Quando sobrava tempo, eu ia visitar meu filho para amamentá-lo ou pra ficar um pouquinho perto dele. Ligava toda hora pra saber se ele estava bem."

Hoje, Órion estuda no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC e Galiuzzi está no 8º período da faculdade. Ela nunca reprovou ou atrasou em seu curso e considera que ter um filho lhe deu mais motivação. Chegou a pensar em trancamento, principalmente quando o bebê adoecia. "Às vezes, dá um certo sentimento de culpa", típico de quem fica dividida entre dois mundos.

Filho "obriga" a organizar o tempo

A tripla jornada também faz parte da vida de Fabiane Marra da Silva Pereira, 26 anos. Ela ingressou no curso de pedagogia no primeiro semestre de 2006 e engravidou inesperadamente três anos depois. Felipe trouxe mudanças. "Meu marido viajava muito a trabalho. Eu acabava indo junto e perdia muita aula."

Agora, é diferente: tenho um sonho de terminar o ensino superior." Hoje, na 5ª fase do curso, ela conta com uma bolsa de iniciação científica para ajudar nos gastos que beiram os R\$ 480 por mês, entre creche, lanche, transporte e fotocópias. Para ajudar na renda, ela ainda trabalha de *freelancer* como babá.

Antes de descobrir aos 17 anos que seria mãe de Ana Clara, a estudante de Direito da Faculdade Estácio de Sá, Mari Bleyer, 21, pensava que "nunca teria filho". Ela soube que estava grávida no início do curso. "Fiz o exame com outras três amigas. Fui a única com o resultado positivo. Meu pai soube e me apoiou muito." Bleyer frequentava as aulas ainda enquanto estava grávida. Na época, sofria com os constantes enjoos.

Nos primeiros meses como mãe, Bleyer teve de contratar uma babá para tomar conta da filha. Atualmente, Mari Bleyer está na 9ª fase do curso e Ana Clara frequenta o Colégio Arte e Vida, perto de onde moram. Os gastos com o colégio da filha giram em torno de R\$ 500. Bleyer já pensou em desistir da faculdade, mas essa decisão não estava relacionada com a maternidade: "Na verdade, nunca me identifiquei com o Direito". Ela também trabalha como fotógrafa *freelancer* em algumas baladas da região.

A estudante de moda da Universidade

do Estado de Santa Catarina (UDESC), Priscilla Stefhane, 23, também descobriu a gravidez aos 17 anos, quando ia para a 2ª fase do seu curso. "Já imaginei que eu estava grávida porque não estava usando nenhum tipo de proteção. Cheguei a tomar a pílula do dia seguinte, mas não adiantou", afirma.

Stefhane teve que adequar os horários da faculdade para que pudesse ficar mais tempo com o filho, Heitor. Em alguns semestres, optou por fazer menos matérias, para ter mais tempo com ele. Por causa disso, ela, que começou a faculdade em 2006, só se formará em 2012. Nos primeiros meses de vida, o filho ficava com a mãe de Stefhane, ou, quando não tinha com quem deixá-lo, levava Heitor para a faculdade.

A estudante conta que conseguiu conciliar o tempo com o filho, o estágio de seis horas diárias e a faculdade, pois a maternidade aumentou seu senso de responsabilidade. "Fico me questionando: tanta gente reclama por não ter tempo pra nada. Acho que a maternidade me fez bem, pois me tornei mais organizada em relação a isso."

Com todos estes afazeres, Stefhane ainda mantém o blog *My Sweet Prince* (Meu Doce Príncipe, <http://myswtprince.wordpress.com>) sobre suas experiências de mãe. "Eu nem imaginava o bem que o Heitor faria na minha vida. Não foi um bicho de sete cabeças, como todos pensam."

Joice Balboa

joicebalboa@gmail.com

Stephanie Pereira

stephanie.idn@gmail.com



Antes de Maria Clara chegar, Mari Bleyer se preocupava somente com a faculdade

POLÍTICAS DIFERENTES

Na UFSC, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) encontraram uma saída emergencial para a falta de vagas nas creches para as mães com vulnerabilidade socioeconômica: o auxílio-creche, um benefício de R\$ 350 concedido a até cinquenta mães. "A intenção não é colocar dinheiro público no privado", afirma Brenda Vieira, da comissão de permanência estudantil do DCE. O objetivo é que metade das vagas do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC seja reservada aos filhos dessas mães universitárias. Atualmente, o processo para ingresso no NDI é por sorteio, com ordem de preferência para professores,

técnicos administrativos e alunos, nesta ordem. "É uma barreira a menos para que mulheres trabalhadoras possam estudar", acrescenta Brenda Vieira. Na UDESC, a iniciativa foi diferente. Em dezembro do ano passado, a coordenadora de Apoio à Comunidade Universitária e membro do Conselho Universitário (CONSUNI) Elizabete Maria de Oliveira encaminhou proposta ao conselho que previa auxílio-creche aos servidores da universidade. "Já existia um projeto para a mudança do plano de carreira dos servidores. A proposta do benefício resultou em um dos artigos do novo plano, que está em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado", afirma. No

texto do artigo, o auxílio-cheque poderá ser concedido aos servidores ativos do quadro de pessoal da UDESC, mediante solicitação, com benefício limitado a 2,5 Valores Referenciais de Vencimento (VRV) mensais por dependente. Atualmente, o VRV está fixado em R\$ 227,70. Só depois de aprovado, o auxílio-creche poderá ser implementado na instituição: "Faremos um edital com as especificações e aplicações práticas do auxílio", explica a conselheira. Pelo menos até agora, na Universidade do Estado de Santa Catarina, as mães-estudantes não têm qualquer cobertura ou apoio para cuidar de seus filhos e estudar.

Greve dos servidores fecha biblioteca, restaurante universitário e impõe mudança de hábitos

Desde o início da paralisação em junho, alunos da UFSC são obrigados a enfrentar filas nas copiadoras e gastar mais com alimentação. Enquanto isso, a universidade economiza com água e energia

O educador Anísio Teixeira disse certa vez que uma universidade é uma biblioteca cercada de salas de aula por todos os lados. A frase de um dos principais teóricos da educação brasileira define a importância do acesso aos livros em uma instituição de ensino superior. E quando a biblioteca está inacessível, a universidade perde o seu significado? A pergunta faz sentido no campus da Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, onde tanto a biblioteca (BU) quanto o Restaurante Universitário (RU) estão fechados desde junho devido à greve dos servidores.

Sem poder consultar livros e documentos de referência, e sem refeições subsidiadas, os alunos da maior universidade do estado sofrem com uma disputa de interesses de terceiros. A economia da greve revela quem passa por privações e quem tenta contornar as dificuldades para continuar estudando.

Diogo Schardosin, aluno do curso de Serviço Social da UFSC, sempre teve de driblar as dificuldades financeiras para não interromper os estudos e com o fechamento do RU em 6 de junho, sua situação se agravou. "Muitas vezes, só faço uma refeição completa por dia", afirma, referindo-se ao almoço no valor de R\$ 7,50 a que tem direito no Restaurante dos Servidores, próximo à universidade. Schardosin é um dos 1200 alunos de baixa renda que recebem o vale-alimentação distribuído pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). O benefício garante apenas o almoço do aluno, já que a refeição subsidiada está suspensa pela greve.

"Nem todos vêm retirar o benefício. São aproximadamente 700 alunos que nos procuram", diz a coordenadora-geral do RU, Deise de Oliveira Rita. Para custear o auxílio, são usados os recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) — os mesmos

destinados à compra de alimentos para o RU, cujas licitações já foram feitas com os fornecedores, mas só serão efetivadas quando a paralisação terminar.

Junto à UFSC, o Restaurante dos Servidores recebe hoje cerca de mil pessoas por dia. O gerente Djair da Silva revela que a greve aumentou o movimento no estabelecimento, já que antes da paralisação o número de clientes oscilava entre 700 e 750 por refeição. "Lucramos mais com a greve, mas por outro lado, percebemos que os clientes da casa vêm almoçar com menos frequência. A grande fila que se forma gera demora no momento de se servir — de 15 a 20 minutos de espera", explica o gerente.

Quem não recebe o vale-alimentação da PRAE precisa buscar outras maneiras de se alimentar sem gastar muito. É o caso de Rafael Dantas, estudante de Design de Produto, que, mesmo economizando de diversas formas, gasta mais do que o habitual para almoçar e jantar. Antes da greve, Dantas tinha uma despesa fixa de R\$ 90 por mês, almoçando e jantando no RU todos os dias, inclusive finais de semana. Hoje, as mesmas despesas são de R\$ 300. "Não tenho condições de comer em outros restaurantes durante a semana. Então, para economizar, eu almoço todos os dias um lanche de presunto, queijo e alface vendido por R\$ 4 no mercado perto da faculdade. À noite, minha janta também é pão. Pode não ser a refeição correta, mas é o que o meu bolso pode pagar no momento", lamenta.

Dos cem funcionários do RU, 39 são servidores e estão em greve, entre eles os dois caldeiristas. Com os 61 terceirizados e a contratação provisória de um responsável pelas caldeiras, seria possível oferecer ao menos o almoço, suficiente para atender cinco mil pessoas por dia. No jantar, a frequência cai para 1300 atendidos. "O RU é umas das formas mais eficazes de garantir a permanência do estudante na UFSC. Eu queria que ele estivesse aberto, mas em consideração ao movimento, a Reitoria e a administração do restaurante decidiram ceder o espaço para o comando local da greve", alega a coordenadora-geral do RU, Deise de Oliveira Rita. Segundo ela, os servidores que participam da greve utilizam todos os dias aquele espaço para almoçar. "O almoço dos servidores é feito com comida comprada por eles", esclarece.

O estudante Diogo Schardosin revela que perdeu alguns quilos nos dois meses de paralisação. O motivo é o mesmo que leva Rafael Dantas a mudar seus hábitos alimentares. Antes ele podia almoçar e jantar à vontade no RU, inclusive nos finais de semana e feriados, mas agora foi obrigado a reduzir a quantidade de comida do almoço para não ultrapassar a cota fornecida pela UFSC, que é de 443 gramas por pessoa. "Já tive de faltar à natação porque não tinha me alimentado bem. Nem sempre a quantidade de comida que os R\$ 7,50 cobrem é suficiente".

Schardosin e Dantas não são os únicos que se encontram obrigados a reduzir a quantidade de comida para evitar que o prato ultrapasse o valor do vale. Paulo Roberto de Oliveira, estudante de Letras Espanhol, também ganha o benefício e sempre calcula a quantidade de comida quando se serve. Se ultrapassar seu limite, não terá como pagar.

Estimativas do movimento grevista mostram que cerca de 50% dos servidores da UFSC estão parados. Eles reivindicam reajuste salarial, piso de três salários mínimos, jornada de trabalho de seis horas por dia, reposicionamento dos aposentados, criação de um plano de carreira e aumento no número de concursos públicos, entre outros aspectos. Os grevistas também são contrários à privatização do Hospital Universitário (HU).

Por parte da reitoria não houve preocupação em apurar o número de manifestantes. "Não vimos necessidade em saber quantos servidores estão envolvidos no movimento", explica José Carlos Cunha Petrus, chefe de gabinete da reitoria. Segundo a coordenadora do comando local de greve e do Sindicato dos Tra-



Pedidos de fotocópias de livros inteiros triplicam e número de impressões aumenta em 80% devido ao fechamento das bibliotecas do campus Trindade

balhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc), Teresinha Ceccato, "por falta de tempo hábil para fazer um levantamento, não há um número exato de grevistas, mas em todos os centros há servidores que aderiram ao movimento".

Além do RU, a Biblioteca Universitária e as setoriais também estão fechadas. Funcionam apenas a biblioteca e o restaurante do Centro de Ciências Agrárias (CCA), que se localiza no bairro Itacorubi. Laboratórios de informática como LabUFSC e LabCCE também estão sem funcionamento.

Teresinha Ceccato reconhece que a paralisação prejudica os alunos, sobretudo aqueles que dependem do RU. "Cabe ao reitor pressionar o governo para que reconheça essa situação ou dizer que não há condições de iniciar um semestre letivo". Ela garante receber o apoio do reitor Álvaro Prata, porém, afirma que está difícil ter acesso à administração federal. "O governo não cede e enquanto não negociar, não tem volta", assegura.

Desde o início da greve, em junho, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) declarou apoio incondicional aos servidores, afirmando que as reivindicações são justas e a mobilização, necessária para conquistar condições mais dignas de trabalho. Para Daniela Mayorca, membro do DCE e estudante de Psicologia, valorizar o servidor é valorizar

o estudante. "Quando o trabalho do funcionário lhe traz satisfação, a comunidade universitária ganha junto. A melhoria dos serviços da Universidade influencia diretamente a formação dos que nela estudam", ressalta. Mayorca também reconhece os prejuízos imediatos que a paralisação causa aos universitários. "Mas a greve é necessária. A atitude extrema é justa e, em momentos de crise como este, a mobilização de todos os estudantes é essencial para alcançarmos melhores condições no ensino."



O RU atendia 6 mil estudantes por dia com refeições a R\$ 1,50

Comércio lucra com a falta de serviços

Segundo a Secretaria de Planejamento e Finanças (Seplan), a greve não trouxe prejuízos para a universidade, mas economia. Com o funcionamento do Restaurante Universitário a UFSC gasta R\$ 42 mil com seis mil refeições diárias. Já com a paralisação, os gastos são de R\$ 5.250 em vales para 700 estudantes. A redução de custos não envolve apenas a alimentação, mas também o consumo de recursos básicos. Dados do Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (DPAE) revelam que em maio, mês que antecedeu o início da greve, o gasto de energia elétrica diminuiu 17%.

Da mesma forma, o consumo de água também foi menor, segundo dados do Departamento de Serviços Gerais (DSG). A fatura caiu 21% de maio para julho. O titular da Seplan, Luiz Alberton, acredita que grande parte da economia é resultado do fechamento do RU e da BU, que mais consomem energia e água no campus.

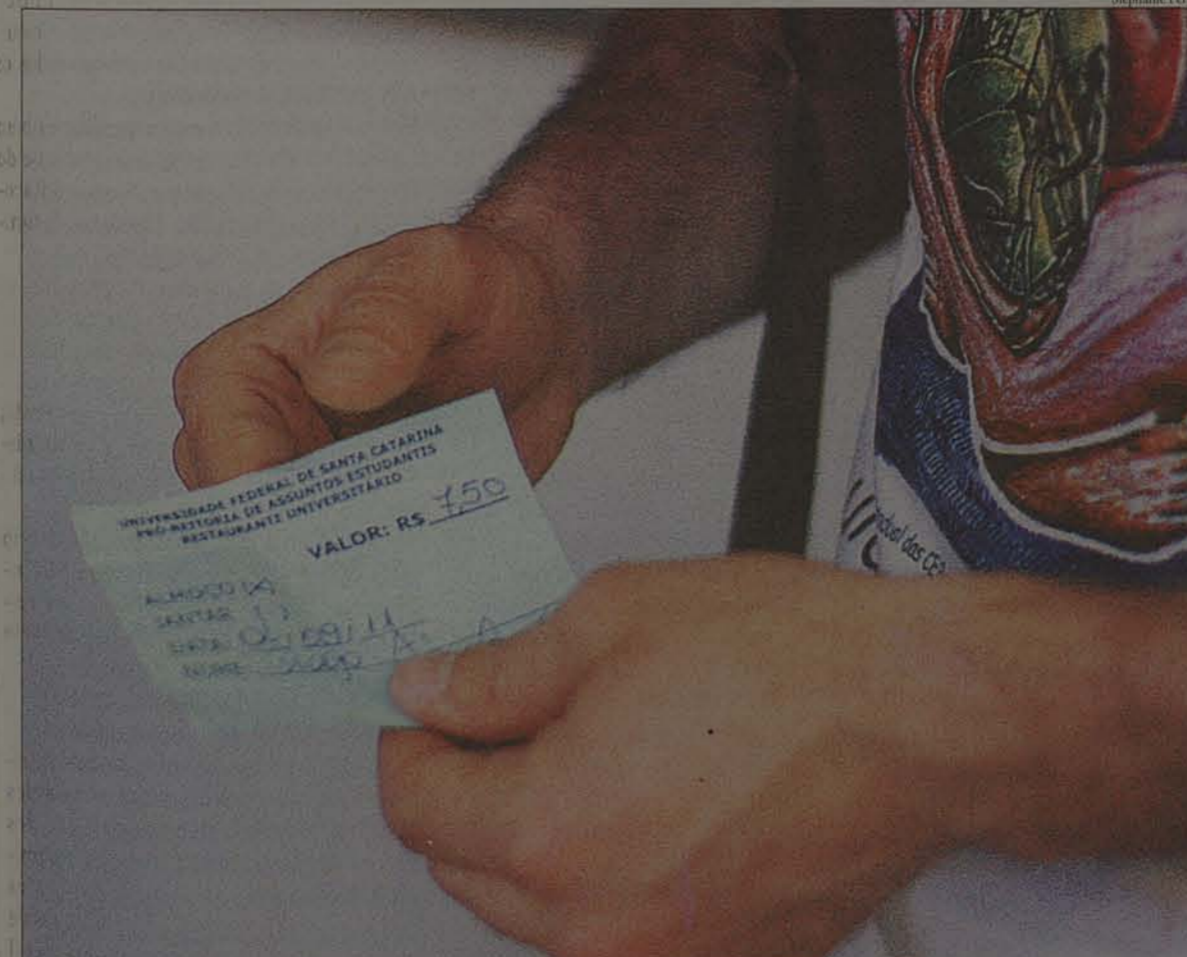
Sem acesso aos livros da biblioteca, os alunos têm recorrido aos serviços das copiadoras. Kelton da Silva, funcionário de um desses estabelecimentos no Centro de Ciências Biológicas (CCB), notou que as encomendas de reprodução de livros inteiros triplicou. No Centro Sócio-Econômico (CSE), houve um aumento de 80% no número de impressões, conta o atendente Leandro Carlos. Estabelecimentos comerciais dentro e fora do campus também sentiram diferença com a greve. Na lanchonete Assim Assado, no CSE, os pedidos subiram cerca de 10%. No Mini Kalzone, no Centro de Eventos, o impacto foi mais forte. "Antes da greve, a loja vendia em média 200 calzones por dia. Hoje, a saída é de 300", compara o gerente Zanir Moraes.

O restaurante de massas Palazzio, no Shopping Trindade próximo à UFSC, precisou contratar um ajudante temporário desde o início da paralisação. "Não conseguimos acompanhar o crescimento. Se antes a saída era de 80 pratos, agora é de 120 por dia", revela a gerente Dejanira Alves Efigênio.

Mariana Chiré
chiremariana@gmail.com
Willian Reis
wreis_lg@hotmail.com



Sem RU, Schardosin (de óculos) chegou a emagrecer



O vale-refeição de R\$ 7,50 recebido por alunos de baixa renda familiar nem sempre é suficiente

Violência agrava insegurança de estudantes

Mesmo com monitoramento constante, furtos e roubos continuam ocorrendo nas universidades

A carí Romalino Siqueira e Luiz Carlos Jollem, seguranças da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) há mais de 20 anos, saem à meia-noite e dez para a quinta ronda do turno. Percorrendo todo o campus da Trindade a 10km/h em uma das três viaturas disponíveis, os vigilantes encontrariam a universidade calma se não fosse o Happy Hour da Economia, dia 27 de agosto no Centro Sócio-Econômico (CSE). Até aquele momento, a única ocorrência era um furto do carro de uma estudante que foi buscar o namorado no futebol.

No percurso que durou uma hora, os vigilantes encontraram dois jovens tentando quebrar um telefone público, pessoas urinando na grama, carros com portas entreabertas facilitando o trabalho de ladrões, estudantes aparentemente usando drogas e figuras conhecidas pelos seguranças. Um deles é o Cacai, homem ma-

gro e de óculos, acusado de roubar a mala de um professor ameaçando-o com uma faca. Na época, ele foi reconhecido, levado para a delegacia e acabou solto no dia seguinte. Havia também casais namorando. "Aqueles dois que estavam se beijando no banco vão estar completamente nus na próxima ronda. Isso é o que a gente mais encontra", afirma Jollem sobre dois namorados perto do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ). Siqueira completa que se fossem procurar por drogas na festa, encheriam um caminhão com alunos.

A Polícia Militar fazia rondas no entorno da universidade numa tentativa de controlar a entrada de carros suspeitos, mas a vigilância extra não impediu que a estudante de jornalismo Nathale Ethel Fragnani fosse assaltada a mão armada na rua Delfino Conti, quando saiu da festa à 1h30 acompanhada de um amigo. "Como o caso da estudante de letras assaltada em frente ao Departamen-

to de Administração Escolar (DAE) no início de julho foi amplamente divulgado e aquele rapaz foi identificado por seis câmeras diferentes, os assaltantes estão evitando entrar no campus e abordam nossos alunos no entorno, como a área próxima à Moradia Estudantil", explica o diretor de segurança da UFSC Leandro Luiz de Oliveira.

No CSE, dez funcionários da empresa VIP Segurança contratados pelo Centro Acadêmico Livre de Economia (CALE) faziam a segurança do Happy Hour. A organizadora da festa Tâmara Siemann reclamou do número mínimo de vigilantes para a festa. "Por mim, contratava apenas oito, mas os dez foram exigência da empresa. Pagamos R\$ 865 no total", completa a estudante. Naquela noite, foram três confusões, duas carteiras furtadas e uma câmera digital que sumiu. Um homem subiu numa árvore, começou a cantar e as outras pessoas da festa atiraram latas de

cerveja nele. Até os seguranças chegarem, a confusão já tinha acabado. "Dez vigilantes não são suficientes para essa festa. Deveriam ser 20 no mínimo", afirma o chefe de segurança da empresa Robson da Silva.

Oliveira não é contra as festas, mas considera que a universidade não tem estrutura para sediar eventos tão grandes. "Em alguns casos, temos um número maior de arrombamento de carros do que tivemos no ano inteiro. Foram 21 durante uma festa na Praça da Cidadania no ano passado.

O estacionamento ficou vulnerável porque estava lotado de veículos e a organização incrementou a segurança apenas na praça", recorda. A UFSC conta com apenas 64 servidores e 155 funcionários terceirizados da empresa Khronos trabalhando na segurança nos campi de Florianópolis, Araranguá, Curitiba e Joinville.

No dia seguinte ao Happy Hour, os estudantes estavam tranquilos

durante o 13º Trote do CTC e o 2º Festival de Música da UFSC, como na maioria das festas no campus. Karina Pancera, formada em Farmácia, ficou um pouco insegura quando tinha "muitos malacos na festa", mas não se preocupou porque alguns dos 40 seguranças contratados estavam por perto. Pancera ficou apreensiva apenas pelo carro deixado no estacionamento da universidade.

O estudante de ciências contábeis Daniel Martins Rauen prefere se prevenir. "Deixo meu carro no prédio do meu amigo na rua do Hospital Universitário. É mais seguro", afirma. Muitos alunos como Barbara Pal acham que não correm riscos quando andam em grupos. A estudante de design gráfico nunca sai sozinha de uma festa da universidade para não ficar tão vulnerável. "Tenho mais medo de ser assaltada durante o dia, porque a gente vê muitos casos noticiados. As festas são mais tranquilas porque sempre tem bastante gente".

Descuido facilita pequenos crimes

Fora os eventos festivos, as ocorrências da UFSC se resumem a alguns furtos de ocasião e os seguranças são chamados até para transportar pessoas com deficiência e socorrer uma criança que se machucou ao cair no Colégio de Aplicação. Os universitários deixam o celular, notebook e todos seus pertences em cima da mesa para buscar um livro na estante da biblioteca e outros, no laboratório de informática, vão ao banheiro sem levar a mochila. Essas cenas são tão comuns na UFSC e na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) mostram que os alunos não esperam ser furtados. No

campus da Trindade, esses casos aconteciam com frequência até 2009 quando os dois prédios foram equipados com câmeras de segurança e o acesso aos computadores passou a exigir a senha de matrícula. Com o monitoramento, os alunos eram identificados e chamados até o Departamento de Segurança para devolver os objetos furtados. A UFSC tem cerca de 1100 câmeras de monitoramento instaladas, uma cobertura de 70 a 80% do campus.

Para Oliveira, os próprios estudantes estão envolvidos em alguns dos casos de violência dentro do cam-

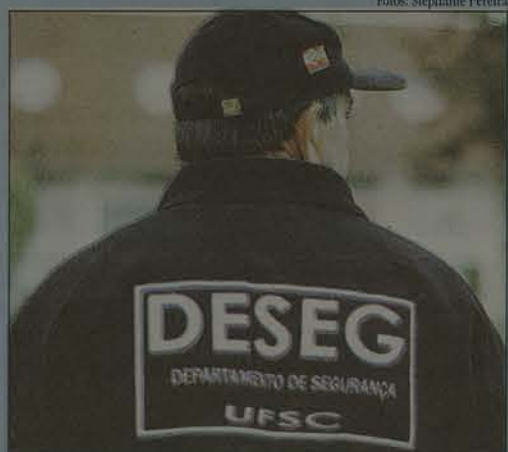
pus como nesses furtos ou deixando que traficantes durmam em Centros Acadêmicos em troca de drogas, o que já aconteceu com um curso o qual ele não quis revelar. "O estudante não cuida da segurança dele mesmo", completa o diretor.

Emanuele Weber, aluna da 6ª fase de Artes Cênicas da Udesc, teve o iPod furtado após deixá-lo carregando no camarim durante um ensaio. O garoto que levou o aparelho saiu correndo quando percebeu que uma amiga de Emanuele observava a cena. "Isso aconteceu quando muitos suspeitos entravam no campus e os seguranças não nos alertaram sobre os riscos. Não foi descuido meu, o menino não podia entrar aqui. Ele não era estudante", reclama.

A segurança da Udesc é realizada pela empresa Minister, de Itajaí, que tem 128 funcionários nos onze campi do estado. "Desde que comecei a trabalhar aqui, há quatro anos, foram quatro ou cinco arrombamentos de carros, no máximo", relata a coordenadora de manutenção e obras Gládis Queiróz.

Luís Pinheiro
luisapsilveira@gmail.com

Fotos: Stephanie Pereira



TIROS NA MADRUGADA

Um tiroteio vitimou três jovens às 2h40 do sábado, 3 de setembro, no estacionamento do Centro Sócio-Econômico (CSE). Eles bebiam e ouviam música perto da lanichonete. De acordo com o diretor de segurança Luiz Leandro de Oliveira, cerca de 18 tiros foram disparados. Uma das vítimas, identificada como Igor, fugiu do Hospital Universitário logo em seguida. Ele é acusado de envolvimento em outra troca de tiros que aconteceu próximo ao Shopping Iguatemi na semana anterior. Até o fechamento desta edição, a Polícia Civil não havia identificado as causas e os autores dos disparos. Não é a primeira vez que isso ocorre. Em 27 de agosto, outro rapaz foi baleado durante uma festa. Ele é acusado de homicídio.



Viaturas fazem ronda, mas desatenção de proprietários permite arrombamentos em carros

Estudantes-atletas têm vida dupla

A saga de quem concilia treinos e aula

Para conseguir bons resultados, atletas profissionais dedicam muitas horas a treinamentos. A rotina pode ser de até dez horas diárias, durante seis dias por semana de dedicação. Por isso, é natural que esses atletas optem por se dedicar exclusivamente ao esporte, muitas vezes deixando de lado a vida pessoal e os estudos. Alguns até interrompem seus cursos, mas há quem se esforce em dobro para conciliar a vida acadêmica e, algumas vezes, outro emprego para sobreviver.

Esse é o caso de Alexandre Oliveira, 38 anos. Hoje apresentador e repórter da *SPORTV*, Oliveira foi jogador profissional de vôlei até 2005 e tem no seu currículo esportivo um campeonato brasileiro infanto-juvenil, jogando pela seleção de São Paulo e duas finais de Superliga, sendo campeão na temporada 2003/2004. Ele começou a cursar Comunicação Social na UNOESC Chapecó em 1999. Como o time em que jogava - o Frigorífico Chapecó - faliu, Oliveira se viu obrigado a passar mais seis meses na cidade, para então poder transferir o curso para outro lugar. "Com a grana que tinha, paguei três meses de faculdade e a matrícula. Fiquei sem nada. Comprei fubá, fígado, cinco quilos de arroz, uma caixinha de mate e uma dúzia de ovos, e foi o que comi durante muito tempo". Depois, mudou-se para Florianópolis e foi jogar na Intelbras e estudar na Unisul. O dia era corrido: fazia um vai-e-vem entre treinos, estágio e o curso no período noturno.

Na temporada 2002/2003, começou a jogar na Unisul, e dividia o tempo com o emprego na *RBS TV*. "Como fazia o 'Bom Dia Santa Catarina', acordava às 4h, emendava no 'Jornal do Almoço', e só saía da TV às 14h. Ia para o ginásio treinar e de lá para a faculdade. Meu dia só terminava às 23h", recorda, saudosos.

Moacir Zimmermann, 27 anos, pratica marcha-atlética e estuda na FURB em Blumenau. É o atual campeão do Troféu Brasil de Atletismo e recordista na prova de 20 km. Foi quarto colocado na Universíade, as Olimpíadas Universitárias, realizadas em agosto, em Xangai, na China. Às vésperas de se formar em Educação Física, ele vive unicamente do esporte, o que não é fácil, já que a marcha-atlética conta com pouco apoio. A sobrevivência vem basicamen-

te da bolsa-atleta do Governo Federal. Apesar de ser um atleta reconhecido, Zimmermann diz que dificilmente tem sua vida facilitada pelos professores. "Tenho que me virar sozinho. Os professores não podem me reprovar por faltas, mas dificultam muito meus trabalhos".

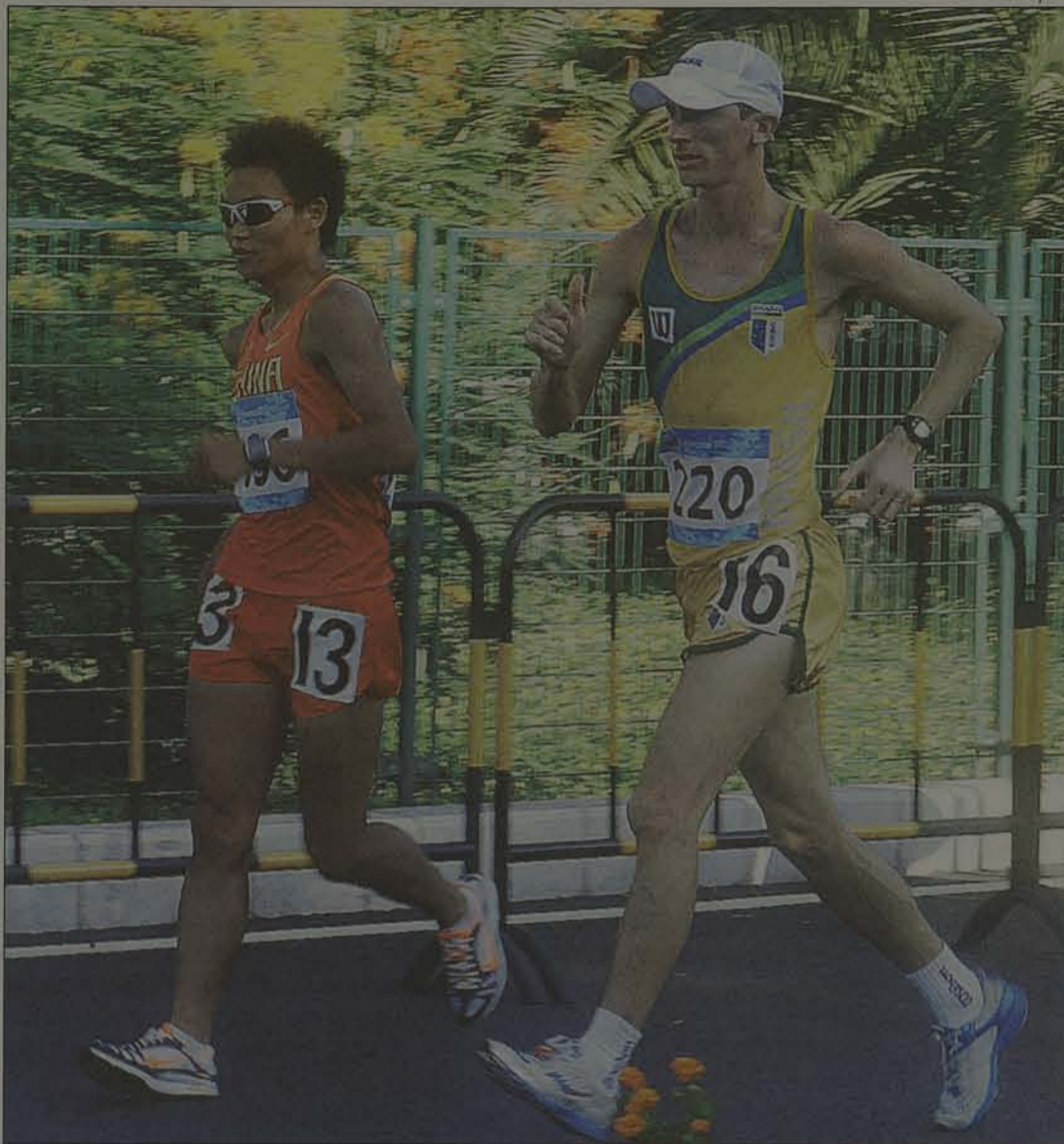
Interessa a muitas universidades vincular sua imagem ao esporte. O presidente da Federação Catarinense de Desporto Universitário, Manoel Obdúlio Rebelo, afirma que esse incentivo vem de universidades particulares. "Elas dão bolsas aos atletas, além de bancar moradia, comida e salário mensal". Essa política garantiu a Santa Catarina o primeiro lugar geral nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) de 2010, Blumenau.

Leticia Karolina Dutra, 18 anos, faz parte da seleção brasileira de ginástica rítmica e estuda Educação Física na Faculdade Estácio de Sá, em Aracaju. Treina diariamente por oito horas e meia, variando técnicas de balé, condicionamento físico e repetições de séries. "Ser atleta e estudante exige disciplina, responsabilidade e dedicação", afirma. Essa rotina já fez com que ela pensasse em desistir do esporte.

Em alguns casos, a dupla jornada é difícil. O calendário das competições e a exigência de resultados imediatos são complicadores. Exemplo típico é dos jogadores profissionais de futebol, que em geral tem pouca escolaridade, lembra o técnico da escolinha do Avaí, Jaelson Gonçalves Ortiz. Ele ressalta a importância dos estudos para seus atletas, como "uma carta na manga" em caso de insucesso nos campos.

O ex-preparador físico do Figueirense e membro do Laboratório de Esforço Físico da UFSC, Lucas Loyola Nascimento, diz que o incentivo aos estudos está ligado às condições financeiras e à base familiar do atleta. No futebol, uma das dificuldades do jogador é se manter ligado a uma instituição de ensino. "Em um ano, por exemplo, ele muda três vezes de clube e, às vezes, até de cidade. Quando isso acontece, geralmente o ano escolar fica perdido", resume.

Gian Kojikovski
gian.kojikovski@gmail.com
Joice Balboa
joicebalboa@gmail.com



Moacir Zimmermann (de boné) fala que dificilmente há compreensão dos professores

Opostos: sedentarismo e alimentação preocupam

A imagem do universitário saudável e esportivo nem sempre condiz com a realidade. Falta de tempo, excesso de estudo e a experiência de morar longe da família fazem com que o esporte e a boa alimentação sejam deixados de lado. Refeições completas passam a ser trocadas por lanches práticos com alto valor calórico e festas costumam levar o aluno ao consumo excessivo de álcool.

A dificuldade de associar coisas prazerosas às saudáveis é um dos principais erros de alguns universitários, afirma o professor do curso de Educação Física da UFSC Markus Vinicius Nahas. "O ambiente da universidade valoriza demais a diversão imediata".

O estudante de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) Nataniel Zanferrari, 21 anos, mora sozinho há três anos e admite não praticar esportes. "Minha aptidão física não é muito precisa. Meus amigos são ratos de quadra, mas nunca me interessei". Quando tenta praticar alguma atividade física, o estudante acaba desistindo devido à rotina universitária. Longe da casa dos pais, reconhece que sua hábito alimentar é "péssimo". Come fora de hora e, às vezes, passa o dia sem nada.

Evitar o excesso de frituras, pães,

massas, carne vermelha e alimentos industrializados e dar preferência a saladas, frutas, verduras, legumes e carnes brancas pode ser o primeiro passo para iniciar uma rotina mais saudável.

O infarto agudo do miocárdio é um dos principais vilões de quem tem um estilo de vida desregrado. O cardiologista Marco Aurélio Nascimento explica que não existem grupos de risco, e sim fatores de risco: tabagismo, excesso de álcool, obesidade, hipertensão arterial, nível de colesterol ruim alto e estresse. Segundo Nascimento, é preciso criar políticas públicas para conscientizar a população de que o infarto é produto de um estilo de vida criado desde a infância. "Quando ouvimos nossos avós dizerem que criança saudável é aquela 'fofinha' e que magreza é sinal de doença, devemos buscar informações sobre o assunto e sair do senso comum".

A aluna de Engenharia de Produção da UFSC Kamila Alves de Oliveira, 22 anos, é uma exceção. Mora com os pais, alimenta-se regularmente e, há onze anos, joga vôlei três vezes por semana. "Treinar me deixa mais disposta e animada para outras atividades". A estudante não gosta de bebida alcoólica, não fuma e tenta se alimentar da melhor ma-

neira possível, mas não dispensa *fast food* quando sente vontade.

Boa parte do sedentarismo pode estar associado à falta de incentivo à prática esportiva, que já foi obrigatória nos currículos. Há 20 anos, sete mil alunos ocupavam quadras, pistas e campos da UFSC. Hoje, são oferecidas apenas 1.200 vagas na disciplina curricular. Na Udesc, a prática esportiva ainda é obrigatória. No curso de História, por exemplo, todo aluno deve cursar dois semestres de disciplinas esportivas. As opções vão da natação à dança de salão. Nahas é contra a obrigatoriedade. "Desde o ensino fundamental o aluno é forçado a fazer aulas de educação física, transformando a atividade que deveria ser um momento de relaxamento e de prazer em um monstro".

Ainda de acordo com o professor, as universidades formam cérebros, e não pessoas. "Temos de ser uma célula experimental da sociedade do futuro e historicamente nossa universidade não avançou muito dos centros de estudo da Idade Média. Queremos indivíduos inteligentes e inovadores, mas não nos preocupamos com a formação do cidadão por inteiro", desabafou.

Jéssica Butzge
j.butzge@gmail.com

Emprego também se acha na rede

Garanta sua vaga com recursos *online*

Se você ainda procura emprego vasculhando os classificados dos jornais, está na hora de incluir outras formas de pesquisa. Não basta pular de site em site procurando vagas. A maioria das propostas na internet fica concentrada em páginas específicas. Fazer parte de uma rede social profissional e se cadastrar em um banco de currículos são alternativas que aumentam as chances de conquistar a vaga esperada, e várias empresas já começaram a utilizar sites especializados para encontrar possíveis candidatos.

Preocupar-se com a rede de contatos é um primeiro passo. A psicóloga Fernanda Quadros confirma esta tendência, dizendo que "hoje, tudo é relacionamento". Quanto maior e mais bem cultivada a rede de contatos, mais fácil chegar a oportunidades. As redes sociais ajudam a fazer a ponte entre candidato e empregador, mas não são as formas mais comuns de recrutamento. Segundo a Catho, especializada em recolocação profissional, só 0,2% das empresas fazem pesquisa nas redes.

Mesmo assim, alguns departamentos de Recursos Humanos já começam a fazer uso do LinkedIn para conhecer melhor os candidatos. Esta rede é focada em perfis profissionais e já conta com 120 milhões de usuários em todo o mundo, sendo quatro milhões no Brasil. Pelo LinkedIn, o adepto pode seguir empresas, participar de grupos de discussão em áreas específicas e ter espaço para divulgação de currículo. Pode também receber recomendações dos contatos de sua rede, sejam eles ex-empregadores ou colegas de trabalho. O cadastro no site é gratuito e permite interação entre os participantes que já se conhecem. Além disso, usuários *premium* (conta paga) podem fazer contato com pessoas que não fazem parte das conexões pessoais através da opção InMail.

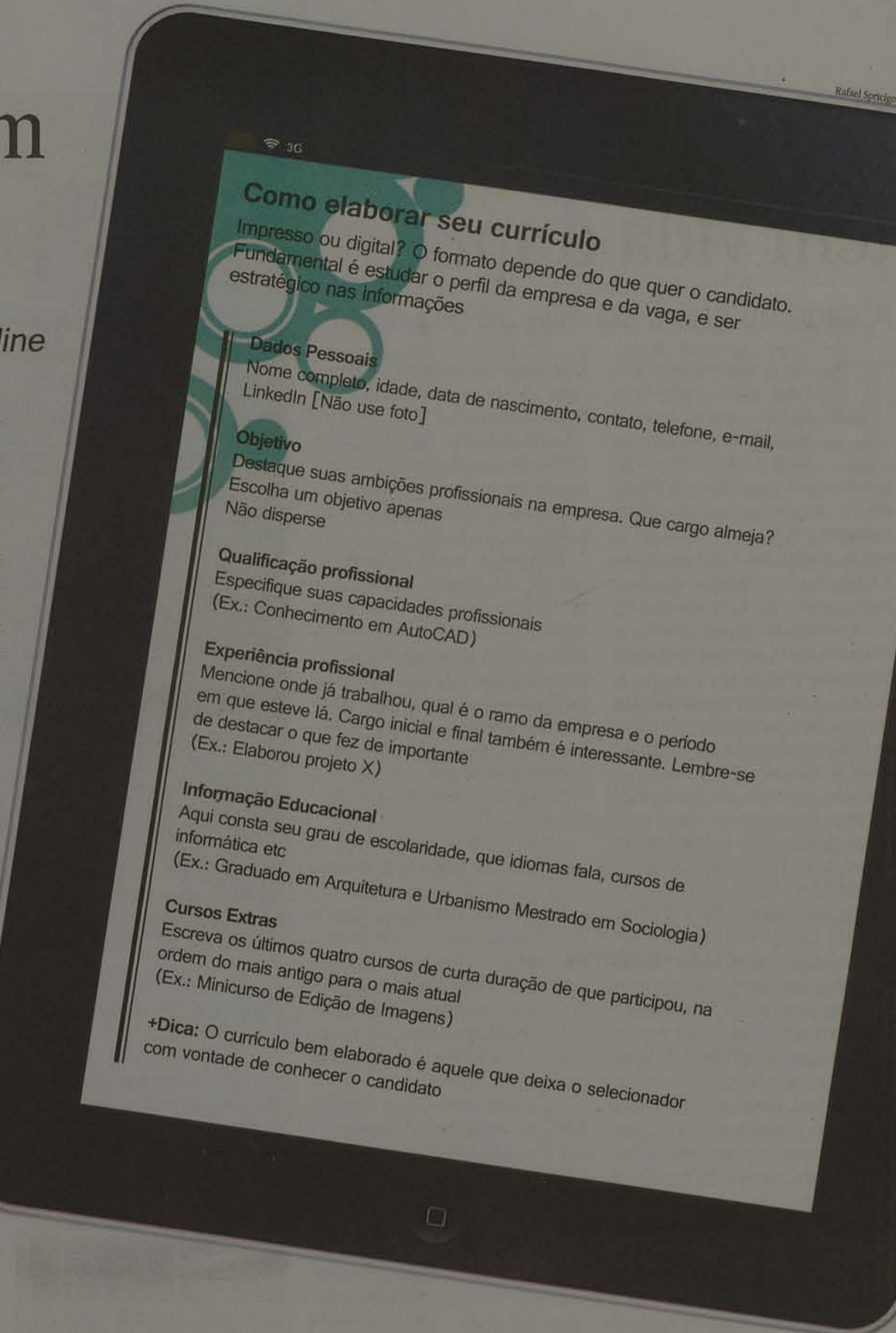
O uso da rede social de trabalho também é vantajoso para empresas. Depois de divulgar a vaga de assistente de planejamento por um mês em outros meios (como boca-a-boca, informes em sites e numa *fan page* no Facebook), a Marcca Comunicação colocou um anúncio

também no LinkedIn. "Resolvemos anunciar lá por ser uma rede voltada a profissionais e com a qual já tínhamos certa intimidade", pontua a assessora de comunicação Flávia Schiochet. "O retorno excedeu nossas expectativas pela quantidade de interessados em tão pouco tempo". Dezoito dias depois do anúncio 112 pessoas enviaram currículos, e a empresa contactou os dez candidatos que mais se encaixavam no perfil esperado.

Depois da indicação de colegas, é ao banco de currículos que as empresas mais recorrem. Em 11% dos casos, esta é a forma de recrutamento. Eles funcionam como classificados online: o profissional cadastra seu currículo e pode enviá-lo para as empresas no sistema. O cadastro é padronizado, e junto é preciso enviar carta de apresentação. Geralmente, os serviços das empresas de cadastro de currículo são pagos. Algumas, como a Catho, oferecem ferramentas gratuitamente por um período de sete dias. Outras contam com cadastro gratuito, mas os serviços de exposição para possíveis empregadores são pagos, como é o caso da Curriculum.

Não basta publicar seu currículo online, cuidar da imagem pessoal também é fundamental. A psicóloga Elisa Ferreira, do Sindicato dos Previdenciários (Sindprevs), lembra que "as pessoas esquecem que um perfil na internet é um domínio público e tudo que for divulgado poderá ser amplamente visualizado".

Os avaliadores sabem que o candidato não é um robô, mas exagerar na dose pode resultar na perda da vaga. Algumas empresas pesquisam profissionais nas redes sociais, e nesse ponto elas podem encontrar comunidades do tipo "odeio levantar cedo", "meu chefe é um chato", "beber até cair". Se o emprego pretendido era pela manhã, é melhor esquecer, mas existem boas ações que podem ajudar. Associar o perfil nas redes sociais a trabalhos realizados "pode demonstrar iniciativa e criatividade do candidato", destaca Ferreira.



Dance conforme a música e acerte o passo

Procurar emprego é como aprender a dançar. Parece difícil, mas com o tempo a pessoa pega o jeito. O primeiro passo é entrar em contato com seus contatos e informar que está à procura de uma vaga. Mas só isso não basta. A maioria das pessoas não indica um colega simplesmente por amizade, por isso é preciso ser um bom profissional e desempenhar bem o serviço. Ninguém sugere um causador de problemas.

O segundo passo é ficar visível no LinkedIn. Depois, é a hora de revisar o currículo, atualizá-lo e eliminar excessos de informações direcionando-as para o perfil da vaga. Muita gente esquece que a estruturação do currículo é um processo contínuo. Se for chamado a uma entrevista mas não for contratado, o candidato deve questionar por que

não foi selecionado. O *feedback* do contratante ajuda a aperfeiçoar o currículo.

Se o candidato já sabe dar os passos básicos, está na hora de partir para o nível avançado: a entrevista, primeiro encontro cara a cara com o selecionador. Estar nesta fase significa ser um contratado em potencial. Entre as atitudes que mais eliminam candidatos estão a prepotência, as informações falsas e a má vontade. Portar-se como se fosse superior durante a entrevista é exclusão na certa. Responder as perguntas com honestidade e transparência também aumentam as chances, afinal tudo o que for dito pode ser checado.

Muitos candidatos ficam nervosos com a entrevista, mas não há nada a temer ou a esconder. O que importa ao entrevistador não são apenas vitórias

e fracassos, mas também como o pretendente lida com as situações da vida, sejam boas ou ruins.

Após a entrevista, vem o contato do empregador, geralmente por telefone. Ao receber a chamada, seja receptivo e agradeça a ligação, tudo com muita educação. A psicóloga Fernanda Quadros conta que há situações em que o candidato já atende o telefone reclamando: "puxa! demoraram para ligar, hein?!" A forma como o candidato recebe a notícia é essencial para ampliar sua rede de trabalho e carimbar seu passaporte ao novo emprego.

Rafael Spricigo
rafaelspricigo0@gmail.com
Mariana Della Justina
marianadellajustina@gmail.com

Agroturismo diminui a evasão dos campos

“Acolhida na Colônia” hospeda visitantes, ensina valores da vida rural e desenvolve municípios

Todos os dias, Maria Gabriela Rieg, 20 anos, acorda por volta das 6h30 para trabalhar no sítio onde mora com os pais e o marido. Ela tira leite da vaca, cuida da horta, dá comida aos porcos e pintinhos, trata das ovelhas e dos coelhos. Perto do meio dia, Maria Gabriela ajuda a mãe, Marilda, a preparar o almoço para a família e os hóspedes do Recanto das Cachoeiras. A propriedade fica em Anitápolis, a 97km de Florianópolis, e faz parte da “Acolhida na Colônia”, uma associação de agricultores que tem o objetivo de melhorar a vida no campo por meio do agroturismo ecológico.

O projeto é uma ideia da agrônoma Thaise Guzzatti que, durante a faculdade, passou um mês numa pequena propriedade produtora de suínos em Seara, no oeste catarinense, e teve contato com o trabalho árduo e pouco rentável dos agricultores. A experiência permitiu que Guzzatti abandonasse a ambição de montar uma floricultura para pensar em atividades que pudessem auxiliar a agricultura familiar e evitar o êxodo. A alternativa do agroturismo surgiu enquanto ela trabalhava no Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro), onde conheceu o trabalho da rede francesa de agroturismo Accueil Paysan. Os agricultores franceses hospedavam, ofereciam alimentação e ensinavam aos turistas as atividades realizadas no campo.

A proposta pareceu ideal para ser executada no estado, onde as belezas naturais atrairiam os visitantes e os hóspedes poderiam ter a mesma experiência transformadora de Thaise. O turismo também seria uma alternativa de trabalho a mulheres e jovens, que costumam sofrer mais com o trabalho da roça.

Em 1998, com verbas do Ministério da Agricultura, o projeto foi implantado em Anitápolis, Rancho Queimado, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Gravatal.

Os agricultores já queriam desenvolver o turismo local e as pessoas interessadas em conhecer a produção orgânica passaram a ficar nas casas dos próprios produtores. Hoje em dia, as famílias são os principais visitantes. Os pais de Gabriela aderiram à “Acolhida na Colônia” em 2001 como única alternativa para continuar a viver no sítio. Eles iniciaram os negócios abrindo o único quarto vago da casa para hóspedes. Hoje, têm quatro chalés que chegam a lotar no verão, quando os turistas podem aproveitar as trilhas e cachoeiras.

Inserir os agricultores no turismo sem grandes investimentos iniciais é uma das propostas da “Acolhida na Colônia”. Caso não tenham cômodos para hospedagem, podem oferecer alimentação ou atividades turísticas a uma pousada vizinha.

Além do rendimento, cresce também a autoestima das famílias e dos municípios, que passam a valorizar a região e seu trabalho. Romeu Assing, produtor de melado e cachaça orgânica em Santa Rosa de Lima, conta que o turismo deu estabilidade para a vida no campo: “Nós sabíamos que teríamos que mudar alguma coisa para continuar ali, mas não sabíamos o quê. Com o projeto, vimos o potencial que a gente tem na propriedade”. A Pousada dos Assing foi uma das primeiras casas a participar da “Acolhida na Colônia”.

Hoje são 180 famílias de 27 cidades do estado participando da associação. Segundo Thaise Guzzatti, a desistência é baixa, geralmente associada a razões pessoais e não à rentabilidade. Ainda assim, é difícil para mais agricultores aderirem à proposta.

Além da renda, cresce também a auto-estima das famílias e dos municípios



A família de Gabriela (de rosa) encontrou na hospedagem uma alternativa rentável



Novos chalés lotam no verão



Habitações são aconchegantes

Jovens buscam formação rural

Se antes os pais desejavam que os filhos deixassem o campo para ter uma vida melhor, o “Acolhida na Colônia” tem ajudado a incentivar os jovens a dar continuidade ao trabalho da família. Essa é a vontade de Leandro Assing, 17 anos, filho de Romeu. O estudante queria ser professor e morar na cidade, mas, incentivado pelos pais, optou por ficar no sítio da família, em Santa Rosa de Lima. “Na cidade, tem muito crime e um custo de vida mais alto, você tem que comprar tudo. Aqui, nós temos um pedacinho de terra e plantamos para nós mesmos”.

Leandro cursa o 3º ano do ensino médio e assim que terminar os estudos, quer fazer um curso de formação para jovens no campo oferecido pelo Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor). O curso é oferecido em Lauro Müller e tem um ano de duração. Depois que concluir o treinamento, Leandro pensa em fazer faculdade de Agronomia ou Educação do Campo.

Maria Gabriela e o marido, Éderson, 26 anos, também têm planos de fazer faculdade. Ele quer cursar Agronomia e ela pretende estudar algo ligado ao meio ambiente ou turismo. “Por enquanto, tem muito serviço no sítio, sobra pouco tempo para estudar”, explica Maria Gabriela. O objetivo é aprimorar o trabalho na propriedade,

onde querem continuar a viver. Para aumentar a renda da família, o casal já morou em Santo Amaro da Imperatriz durante três meses, numa época de baixo movimento na pousada. Gabriela trabalhou como operadora de caixa e Éderson, numa envasadora de água mineral. Ela reclama que apesar das oportunidades que a cidade oferecia, não tinha tempo para sair. “A vida na cidade grande, para quem sempre morou no interior, é muito corrida”, avalia.

O estudante Daniel Brugnara, 22 anos, tem a mesma opinião. Natural de Água Doce, município de 6.960 habitantes, ele se incomoda com o movimento dos carros e ônibus de Florianópolis, para onde se mudou no começo do ano. Aluno do segundo semestre de Zootecnia na UFSC, Brugnara se interessou pela área quando fazia o curso de técnico em Agropecuária. “Meu sonho é comprar uma fazenda e ter uma criação de gado”, comenta. Enquanto não chega lá, o jovem pretende trabalhar como zootécnico em uma fazenda no Mato Grosso ou Tocantins, atuando na produção de gado bovino de corte.

Milena Lumini

mi.lumini@gmail.com

Paulo Júnior

paulovitorio_junior@hotmail.com

CONHECIMENTO DO CAMPO

Além do estágio obrigatório no último semestre, os alunos de Agronomia da UFSC cursam a disciplina obrigatória “Vivência em Agricultura Familiar” no 4º semestre. A universidade mantém convênio entre as prefeituras e os produtores rurais para que os estudantes convivam durante três semanas nas pequenas propriedades. “A disciplina é muito importante, pois 80% dos nossos alunos são urbanos e não conhecem um pé de abóbora. Esse é um diferencial do nosso curso”, explica a coordenadora da graduação em Agronomia Rosete Pescador.

Divirta-se em Floripa e não pague nada por isso

Capital tem atrações gratuitas todos os dias da semana

A soprano Alicia Cupani canta para uma plateia quase lotada, apesar de ser uma quarta-feira fria e chuvosa. Eugênio Menegaz toca piano, enquanto ela interpreta personagens femininas de óperas clássicas. A cada número do espetáculo "Imagens de Ópera", no Teatro do Sesc Prainha, a solista se caracteriza como uma mulher diferente: uma empregada mandona, uma rainha suicida, a cafetina apaixonada. Chovia também na noite anterior quando Jean-Marie Olive e seu realejo se apresentavam na Aliança Francesa. A duas quadras dali, no Teatro da Ubro, a peça "A alegria de viver" contava — sem usar nenhuma fala — a história de uma mulher solitária em seu apartamento.

Para acompanhar esses eventos, uma pessoa pagaria apenas R\$ 1 — o preço do ingresso de Imagens de Ópera. O que mostra como é possível ter acesso à cultura sem gastar muito na capital catarinense. E com opções. Quem escolhesse assistir ao recital de Alicia Cupani, por exemplo, deixaria de fora o lançamento de um livro de arte, as apresentações da abertura do Encontro das Nações no Largo da Alfândega e uma mostra de documentários.

A Mostra.doc teve como recorde de público dez pessoas: uma era Fernando Evangelista, o diretor de Impasse, um dos filmes exibidos naquela noite. Outra era Lenilson de Jesus, o funcionário responsável pela limpeza do Museu Escola de Santa Catarina, local do evento. Ele é um assíduo frequentador das exibições gratuitas realizadas no Centro. Mas o hábito não começou por interesse, foi uma tentativa de escapar do trânsito de fim de tarde.

Organizada pela Cinemateca Catarinense, a mostra

Agenda cultural não atrai o público esperado

A cidade não percebe que já existe uma programação cultural regular, acredita Denise Bendiner, técnica de cultura no Sesc há oito anos. "Os artistas e produtores não seguem uma lógica mercadológica", observa. Apesar de utilizar a internet como meio de divulgação, Eduardo Vicari, coordenador do Projeto *Songwriters*, acredita que a mídia catarinense dá mais espaço para os eventos do que a de outros estados. A falha seria dos próprios agentes culturais.

Tornar o próprio marketing eficaz exige organização. "Não adianta atirar para todos os lados. É preciso fazer um levantamento de dados para conhecer quem é o seu público-alvo", ressalta Lucila Horn, produtora do festival Floripa na Foto. Mas "não podemos depender somente da propaganda. Em Florianópolis não é difícil saber onde estão as atividades. Se

fez parte das comemorações do dia do documentário. A divulgação do evento foi feita pela internet, por listas de e-mail e sites de cultura, em canais fechados na televisão, nos jornais de grande circulação. Mesmo assim, a média do público foi de quatro pessoas por sessão. Natália Poli, uma das organizadoras, acredita que tenha usado todos os meios possíveis de publicidade, mas talvez "a cultura ainda tenha muito o que aprender nesse aspecto".

A internet é o espaço onde mais circulam informações sobre eventos gratuitos. Dulcineia Baldaça, funcionária do Teatro da Ubro, diz que as listas de e-mail são a principal forma de divulgação utilizada pelos grupos que se apresentam ali. É por meio delas que Laís Pereira, aposentada, se informa sobre a programação cultural da cidade. Tais Padilha, secretária da Escola de Música Rafael Bastos, conta que o Facebook e o Twitter são muito utilizados para publicar os shows que acontecem no local.

Há apresentações com média de quatro pessoas. Na Mostra.doc, o recorde foi dez

Todo mês, às sextas-feiras, é realizado o Projeto *Songwriters*. Em cada edição, três artistas locais se apresentam no palco do Café Cult, anexo à escola. No dia 26 de agosto, Jean Mafra, Vina Da Caverna e Guilherme Gouvêa cantaram suas composições.

As 20 pessoas presentes no Café Cult mostravam certa intimidade, trocando elogios e se chamando por apelidos. Um público restrito para um evento restrito. O jornalista Eduardo Cavancalti, aponta a fragmentação como um dos problemas da cultura em Florianópolis. "Só as pessoas que estão em volta do local ficam sabendo. Falta um suporte maior de divulgação, que todos conheçam", constata.

you está interessado, vai lá e acha", contrapõe Fífo Lima, assessor de imprensa da Fundação Cultural Badesc.

Tobias Nunes tem 22 anos e estuda Biblioteconomia e Artes Cênicas. Ele coleciona os panfletos de cada evento que frequenta. "Bato o cartão mesmo. Vou à Fundação Badesc, ao Victor Meirelles, ao cinema da UFSC, ao Sesc, à Casa das Máquinas", enumera. Para se informar ele recorre à internet e aos folders. "Existe programação, mas o interessado tem que ir atrás. A informação não chega até você", reconhece.

Bendiner concorda com Tobias: o público ainda não tem o hábito de ir a recitais, espetáculos e exposições. Ela não sabe dizer o que faz com que as pessoas fiquem em casa, mas aponta o cansaço, a preguiça e o costume de ver televisão depois de um dia de trabalho como fatores que dificultam a aproximação entre a

população e a cultura.

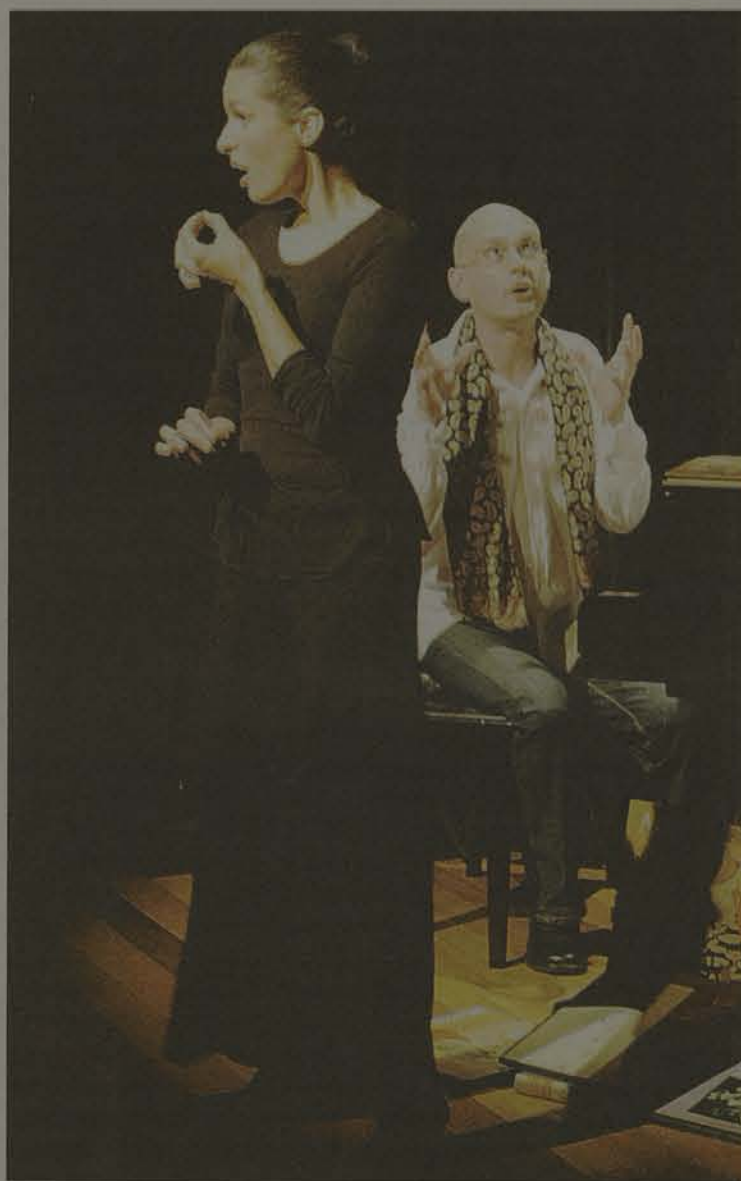
A distância que se mantém pode ser justificada pela fragmentação das ações, que acabam se voltando para quem já é do meio. Como o recital de Jean Mafra no Projeto *Songwriters*. Para Lucila Horn, os produtores deveriam pensar mais na formação de público. Tarefa que não é das mais fáceis, segundo Bendiner. "O setor de cultura está se estruturando. Mas é um processo lento", argumenta.

No teatro da Ubro, Baldaça observa da porta de entrada a diversificação dos frequentadores. Há seis anos, quando começou a trabalhar no local, via que o público era mais jovem. Com o tempo, rostos mais velhos começaram a misturar-se à plateia de vinte e poucos anos. "As pessoas estão começando a pegar o costume", comenta Marcelo Porton, técnico de iluminação do teatro.

Foto: Giovanni Bello



Compositor Jean Mafra se apresenta no Projeto *Songwriters*



Alicia Cupani interpreta óperas ao lado do pianista Menegaz

Quase 50 pessoas ocupavam o Teatro do Sesc durante o recital Imagens de Ópera. O silêncio durante as canções era quebrado pelos cliques da máquina fotográfica que registrava o momento. Um ajeitar aqui e ali nas cadeiras também interrompia por poucos segundos o clima de atenção. Na primeira fila, uma menina de uns sete ou oito anos, vestin-

do uniforme escolar, imitava com as mãos os movimentos do pianista. No final do espetáculo, assim como os outros presentes, ela levantou duas vezes para aplaudir.

Ingrid Fagundez

ingrid.fagundez@gmail.com

Marília Labes

mariliagold@gmail.com

Hackers invadem sites de prefeituras de SC

Ativistas virtuais brasileiros imitam Anonymous, o grupo mais evidente nos protestos na web

No dia 7 de agosto, o perfil no Twitter do prefeito de Rio do Sul (SC), Milton Hobus, foi invadido e foram postadas mensagens de apoio ao Anonymous, um dos maiores grupos de hackers e crackers do mundo. A organização defende o hacktivismo — ações hackers para protestar — com ramificações em diversos países, inclusive no Brasil. Sete dias depois, o site da Prefeitura de Barra Velha (SC) também foi invadido e teve seu conteúdo original trocado por outro com apologia ao uso da maconha. Protestos como esses não eram comuns no país, mas nos últimos meses têm se tornado um modo recorrente de divulgação do ideário político de grupos e organizações sociais na internet.

Esses coletivos costumam agir de duas maneiras. A primeira é conhecida como pichação virtual: quando um site é invadido, seu conteúdo original retirado e outro publicado no lugar, geralmente defendendo alguma causa ou protestando. Outro tipo de ataque é a negação de serviço (conhecido como DoS, sigla em inglês para *Denial of Service*): quando os grupos utilizam vários computadores para acessar determinado endereço ao mesmo tempo, congestionando o servidor e impedindo-o de responder a outros acessos, o que é interpretado pelos usuários como se a página tivesse “caído”.

Santa Catarina, apesar de ser um estado de pouca representatividade política, teve ainda outros dois casos de ataques a sites governamentais. Em um deles, documentos da Prefeitura de Itajaí (SC) foram divulgados e, no final de agosto, a página da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) foi tirada do ar por 10 horas. Segundo o gerente de tecnologia da V. Office, Juliano Pereira, estas invasões não são, necessariamente, uma novidade no país. “O que aconteceu é que eles estão circulando na mídia por atingirem um alvo público, os sites governamentais”.

Casos como esses ocorrem todos os dias nos diversos setores da economia, mas raramente são divulgados por indicarem falhas de segurança. Pereira alerta que o maior problema é que em alguns casos, os ataques sequer são notados por falta de recursos necessários para percebê-los. “Cada instituição deve avaliar as ferramentas que se adequam às suas necessidades e efetivamente colocá-las em execução”.

O que acontece na maioria dos estabelecimentos é que este tipo de prática só é possível quando uma brecha da segurança é atacada, o que pode, em alguns casos, ser tarde demais”, adverte aos donos de empresas.

Parte da população concorda com protestos online

O LulzSecBrazil assumiu a autoria de três dos quatro ataques ocorridos em Santa Catarina. No site do grupo, dados da Polícia Federal, da Prefeitura de Itajaí (SC), e-mails da presidente Dilma Rousseff, além de outros documentos confidenciais de empresas e governos, são disponibilizados para qualquer usuário.

“O objetivo, no início das atividades, era chamar a atenção da população e do

governo para a nossa causa. Depois que conseguimos, passamos a invadir sites para tentar conseguir dados sigilosos e que poderíamos usar

para divulgar e comprovar algum tipo de corrupção no governo, por exemplo”, explica Bile Day*, membro do LulzSecBrazil.

O grupo defende o *hacktivismo* incentivado pelo Anonymous. Acredita que os ataques são uma forma de protesto correta e tornou-se conhecido por divulgar documentos sigilosos de empresas e governos. Porém, no dia 28 de agosto, anunciou através de seu Twitter o fim do grupo.

“Um dos principais objetivos de termos criado a LulzSecBrazil foi para a divulgação da ideia Anonymous e acredito que conseguimos trazer ao conhecimento do povo brasileiro o movimento. Como nosso objetivo foi alcançado, iremos encerrar as atividades”, explica Bile Day.

Um estudo realizado pelas empresas Multifocus/NetQuest, em agosto de 2011, durante o youPIX —

um dos maiores eventos de cultura da internet do Brasil — ouviu 1.273 pessoas sobre a recente onda de ataques. Os resultados apontaram que 30% dos entrevistados consi-

deram os *hackers* como principais agentes de protestos contra governos corruptos; 24% acham invasões e pichações de sites atitudes importantes na luta contra a corrupção e 23% acreditam que o trabalho destes profissionais é democratizar a informação.

Entretanto, ações como essas não são defendidas por todos os *hackers*. “Não concordo com quem protesta pichando sites, afinal, não vou gos-

tar que alguém faça isso pichando o muro da minha casa”, diz Zorak* — jovem de 21 anos que começou a se interessar por invasões ainda na época do ensino médio, como uma brincadeira. Ele conta que fazia pichações com amigos e assinava como o grupo Anonymous, mas agora prefere entrar e sair de um site sem ser notado. “Não vejo mais gratificação em estragar o trabalho dos outros. Para mim, é basicamente um desafio tentar achar novas brechas de segurança. Se vejo algum e-mail do *webmaster*, entro em contato para avisar da falha.”

Entre os grupos também há divergências internas e externas. Em julho deste ano, o LulzSecBrazil divulgou em seu site informações de dois ex-membros como nomes completos, endereços, fotos, nome dos pais, CPF e telefones. Um deles foi acusado de difamação, o outro de tentar comercializar informações do e-mail da presidente Dilma Rousseff e do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Os integrantes não concordaram com as atitudes.

A ameaça de ser descoberto não intimida a todos. “Não temos medo da Polícia Federal ou de grupos que tentem nos rastrear. Mesmo que um dia algum membro venha a ser de-



tido, acreditamos que isso não vai mudar nada, ao contrário, acredito que a revolta será maior”, afirma Bile Day.

A rivalidade entre grupos, contudo, pode parecer mais ameaçadora do que qualquer órgão oficial. Zorak acredita que essa rivalidade, definida por ele como “guerra de ego” pode ser prejudicial. “Teve uma vez que rolou até de publicar foto da família do outro. Foi aí que eu saí mesmo desses grupos. Até pra me proteger e à minha família.”

*Zorak e Bile Day são apelidos escolhidos pelos entrevistados para manter em sigilo suas identidades.

Camila Garcia
camila.garcia23@gmail.com
Monique Nunes
moniquepaloma@gmail.com
Ilustração - Rafael Spricigo

PROTEJA SE!

Em geral, ataques de negação de serviço utilizam “computadores zumbis” para esgotar o serviço dos sites. Para conseguí-los, os crackers usam vírus, keyloggers — aplicativos que registram tudo que é digitado, usados para roubar senhas — ou programas específicos que permitem o acesso. Para evitar que a sua máquina seja um zumbi, é importante manter antivírus e sistema operacional atualizados, evitar acessar sites desconhecidos ou com reputação questionável. As dicas são do gerente de tecnologia da V. Office, Juliano Pereira. “Basicamente: na dúvida, não abra, não clique”.

Relato: Nova Iorque mudou, não seu espírito

Há dez anos, os atentados contra o World Trade Center ajudaram a espalhar o terror pelo mundo

Minha primeira vinda a Nova Iorque ocorreu em 1989, quando tive a oportunidade de visitar as principais atrações da cidade e, claro, ir ao topo do World Trade Center (WTC). Em agosto de 2001, voltei à cidade para uma segunda visita. Estava bastante animado depois de ficar longe por quase 12 anos. Fiquei hospedado na casa de parentes no Brooklyn com uma bela vista do sul da ilha de Manhattan. No dia 9 de setembro, passei em frente ao WTC, e tive vontade de repetir minha visita. Não deu tempo. Dois dias depois, aconteceram os ataques terroristas.

Por volta das 9h45 da manhã do dia 11, meu tio telefonou para dizer que uma das torres do WTC estava em chamas. Liguei a televisão e fui para a janela, porque não acreditava no que estava acontecendo. As informações eram todas muito confusas. Foi quando vi o segundo avião se chocando contra a outra torre. Lembro-me da imensa bola de fogo que se formou quando pensei que uma bomba havia explodido dentro do prédio. Daí veio o desmoronamento das torres e o pânico tomou conta da cidade.

Não voltei ao Brasil de imediato porque percebi que meus parentes precisavam de apoio. Fiquei em Nova Iorque até fevereiro de 2002 e pensei que só voltaria a cidade no futuro para visitas rápidas. Mas retornei em 2005 para morar na cidade. Após dois anos trabalhando na área do Rockefeller Plaza, no centro de Manhattan, vim para Wall Street, a algumas quadras do Marco Zero. Desde 2007, vou para o trabalho pela estação de trem do WTC. No come-

ço, tinha uma sensação um tanto triste por ver que, depois de tantos anos, os danos ainda estavam bem presentes e não havia nenhuma construção no local. Os engenheiros não conseguiam identificar uma base de sustentação no solo para as novas torres. E quando eles resolveram o problema geológico, veio o *crash*. A crise econômica de 2008 atrasou ainda mais as obras.

Também foram criados um memorial e um museu, mas o que me surpreende bastante é a discrição dos nova-iorquinos. Quando anunciaram a morte de Osama bin Laden, por exemplo, foram turistas americanos passeando em Nova Iorque que correram para o Marco Zero para comemorar. Naquele domingo, os nova-iorquinos estavam em casa descansando para começar uma outra semana de trabalho. Eles também não se manifestaram contra a proposta de construção de uma mesquita muçulmana próxima ao local.

Acredito que os nova-iorquinos estão guardando energia para celebrar a construção das novas torres. Já se vão dez anos da tragédia, trabalhos avançam e é possível ver alguns andares do prédio principal. A destruição do WTC foi a maior tragédia terrorista da história dos EUA. Acontece que Nova Iorque não é uma cidade fechada. É uma cidade aberta para o mundo.

Leo Soruco Castro é analista de gestão de risco de investimento, jornalista e mestre em Jornalismo Internacional. Já foi professor universitário em Santa Catarina, onde morou por mais de cinco anos. Reside em Nova Iorque desde 2005.

Spencer Platt/Getty Images, 11/09/2001



Mario Tuma/Getty Images, 11/09/2001



Jim Watson/Getty Images, 11/09/2001



Jim Watson/Getty Images, 11/09/2001



Leo Soruco Castro, 26/08/2011



A tragédia que feriu o orgulho estado-unidense e redesenhou o planeta durou 102 minutos e causou mais de 3 mil mortes. Os EUA ainda tentam se reerguer